



ANAIS DE HISTÓRIA DE ALÉM-MAR

Vol. IV (2003)

ISSN 0874-9671 (impresso/print)

ISSN 2795-4455 (electrónico/online)

Homepage: <https://revistas.rcaap.pt/aham>

As Índias do conhecimento, ou a Geografia imaginária da conquista do ouro

Júnia Ferreira Furtado 

Como Citar | How to Cite

Furtado, Júnia Ferreira. 2003. «As Índias do conhecimento, ou a Geografia imaginária da conquista do ouro». *Anais de História de Além-Mar* IV: 155-212. <https://doi.org/10.57759/aham2003.37813>.

Editor | Publisher

CHAM – Centro de Humanidades | CHAM – Centre for the Humanities

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

Universidade NOVA de Lisboa | Universidade dos Açores

Av.^a de Berna, 26-C | 1069-061 Lisboa, Portugal

<http://www.cham.fcsh.unl.pt>

Copyright

© O(s) Autor(es), 2003. Esta é uma publicação de acesso aberto, distribuída nos termos da Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0 (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt>), que permite o uso, distribuição e reprodução sem restrições em qualquer meio, desde que o trabalho original seja devidamente citado.

© The Author(s), 2003. This is a work distributed under the terms of the Creative Commons Attribution 4.0 International License (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>), which permits unrestricted reuse, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.



As afirmações proferidas e os direitos de utilização das imagens são da inteira responsabilidade do(s) autor(es).

The statements made and the rights to use the images are the sole responsibility of the author(s).

AS ÍNDIAS DO CONHECIMENTO, OU A GEOGRAFIA IMAGINÁRIA DA CONQUISTA DO OURO *

por

JÚNIA FERREIRA FURTADO **

1. O peregrino instruído

Há alguns anos, quando fazia pesquisas na Biblioteca Pública de Évora, deparei com o livro de J. C. Pinto de Sousa, intitulado *Biblioteca Histórica de Portugal e seus Domínios Ultramarinos* ¹. O livro citava vários livros e manuscritos importantes para a história do Brasil. Entre eles figurava um manuscrito desconhecido intitulado *Relação das Minas Brasileiras*, escrito por José Rodrigues Abreu. Pinto de Sousa afirmava que seria a primeira descrição conhecida da área aurífera das Minas Gerais. Essa era uma informação instigante, pois este autor e seu manuscrito eram desconhecidos pelos brasileiros, o que deu início a uma pesquisa para localizar os dois.

Este trabalho procura ser uma resposta a este enigma, analisando quem foi José Rodrigues Abreu e como seria sua *Relação* sobre as minas brasileiras no início do século XVIII. Apesar deste manuscrito não ter ainda sido encontrado, outro texto do autor, onde ele registrou suas impressões sobre a região, nos permite reconstituir, pelo menos em parte, o que era seu relato. Suas observações, como veremos a seguir, foram marcadas por uma abordagem ao mesmo tempo racional, mágica e mítica da geografia da região.

** Uma primeira versão bastante resumida deste artigo foi publicada em: FURTADO, Júnia. «As Índias do conhecimento, ou a cartografia imaginária da conquista do ouro», in CONSENTINO, Francisco Carlos, e SOUZA, Marco Antônio de (orgs.), *1500/2000: trajetórias*, Belo Horizonte, Newton Paiva, 1999, pp. 21-32. A consulta a muitos dos livros citados e várias das análises desenvolvidas nesse artigo só foram possíveis devido ao período como Visiting Fellow, em Princeton University, no ano de 2000, como bolsista da Capes, e pela bolsa de pesquisa concedida pelo CNP a partir de 2003.

** Departamento de História da Universidade Federal de Minas Gerais/Brasil.

¹ SOUSA, J. C., *Biblioteca Histórica de Portugal e seus Domínios Ultramarinos*, Lisboa, Typografia Calchographica do Arco do Cego, s.d., p. 44. (Usuais da Biblioteca Pública de Évora.) Agradeço esta indicação ao professor Luciano Raposo de Almeida Figueiredo.

Alguns mapas e relatos do início do povoamento da área mineradora são hoje conhecidos. Entre eles, destacam-se os escritos por Joseph Rebelo Perdigão; pelo francês Ambrozio Jauffret; por André João Antonil; os relatos reunidos pelo Ouvidor Caetano da Costa Matoso; as *Notícias Práticas* do Padre Diogo Soares; um capítulo do livro do médico português Jacob de Castro Sarmiento e o *Itinerário Geográfico* de Francisco Tavares de Brito ².

Joseph Rebelo Perdigão acompanhou o governador Artur de Sá Meneses, em diversas estadas nas Minas, entre agosto de 1700 e julho de 1702 ³, e escreveu um itinerário no qual descreveu, entre outros aspectos, o *Caminho Novo*, que vinha sendo aberto por Garcia Rodrigues Pais desde o Rio de Janeiro ⁴. Parece ter tido ampla circulação um mapa atribuído ao mestre-de-campo Felix de Azevedo Cunha, que era acompanhado de um manuscrito que descrevia os caminhos para as Minas, e anotava acidentes geográficos, roças, lavras e localidades do trajeto ⁵. Menos conhecido, o texto de Ambrozio Jauffret era um relatório secreto enviado ao governador da Guiana Francesa, o Conde Pont Chartrein, em junho de 1704, e tinha o objetivo de municiar os franceses com informações estratégicas sobre as minas e seu acesso a partir da costa brasileira ⁶.

Hoje muito popular no Brasil, foi o roteiro escrito por André João Antonil, pseudônimo do padre italiano Andreoni, que viveu na Bahia. Publicado em 1711, com o título *Cultura e Opulência do Brasil por suas drogas e minas*, foi proibido e queimado logo em seguida, tendo posteriormente várias reimpressões ⁷. Antonil, que não conhecia a região mineira, afirmou que se utilizou particularmente do texto escrito pelos acompanhantes do governador Artur de Sá Meneses ⁸. Vários relatos dos primeiros morado-

² COSTA, Antônio Gilberto, *et al.*, *Cartografia das Minas Gerais: da Capitania à Província*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2002.

³ Governo Interino de Francisco de Castro Morais, *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Belo Horizonte, v. I, p. 4, 1896.

⁴ A. de LIMA JR., *A Capitania de Minas Gerais*, Belo Horizonte, Itatiaia, 1978, pp. 27-29; TAUNAY, Afonso de (org.) *Relatos sertanistas*, Belo Horizonte, Itatiaia, 1981, pp. 171-175. Cópia do manuscrito pode ser encontrada na Biblioteca Pública de Évora, Códice CXVI 1-5.

⁵ O mapa hoje se encontra desaparecido, mas o manuscrito que o acompanhava teve algumas impressões mais recentes. DERBY, Orville, «Um mappa antigo de partes das Capitânicas de S. Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro», *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, v. II, pp. 197-220, 1897. Agradeço ao Prof. E. Renger esta indicação.

⁶ Este manuscrito faz parte do acervo do Arquivo Nacional de Paris e está publicado em: JAUFFRET, Ambrozio, «Relação que faz Ambrozio Jauffret, natural da cidade de Marseille, ao Primeiro Ministro de Sua Magestade Sereníssima, o Sr. Conde de Pont Chartrein, informando-o de todo o estado do Rio de Janeiro...», in MANSUY, Andrée, *Mémoire inédit d'Ambroise Jauffret sur le Brésil à l'époque de la découverte des mines d'or* (1704), Coimbra, Separata do V Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, 1965.

⁷ ANTONIL, André João, *Cultura e Opulência do Brasil por suas drogas e minas*, Introdução e comentário crítico de Andrée M. Diniz SILVA, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses (CNCDP), 2001.

⁸ A. J. ANTONIL, *Cultura...*, cit., p. 285. Charles Boxer acreditou que o informante foi o secretário do governador, Joseph Rebelo Perdigão, citado no texto. C. R. BOXER, *A idade do ouro do Brasil*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2000, Cap. 2, Nota 13, p. 82.

res das Minas foram recolhidos pelo Ouvidor da Comarca de Ouro Preto, Caetano da Costa Matoso, por volta de 1750, que contaram o desbravamento e os primeiros tempos da região, particularmente os episódios em torno da *Guerra dos Emboabas* ⁹.

O padre Diogo Soares foi um dos dois jesuítas, conhecidos como os «padres matemáticos», que vieram para o Brasil, em 1730, para fazer mapas da América portuguesa ¹⁰. Enquanto esteve no Brasil, com o objetivo de auxiliar seu trabalho, o padre Soares recolheu diversas narrativas dos participantes das primeiras expedições para as minas, particularmente sobre os caminhos que levavam à região ¹¹.

Entre a comunidade de cristãos-novos circularam itinerários, alguns deles secretos, que indicavam os caminhos para a região mineradora. As riquezas e o relativo isolamento atraíam essas comunidades errantes que buscavam refúgio, particularmente das garras da Inquisição. Em 1732, foi publicado, em Sevilha, um desses roteiros, redigido por Francisco Tavares de Brito, que se baseou principalmente no mapa, atribuído ao mestre-de-Campo Felix de Azevedo Cunha ¹². O médico Jacob de Castro Sarmiento, refugiado em Londres, escreveu, em 1735, em seu livro *Matéria Médica, Físico-Histórica-Mecânica, Reino Mineral*, suas impressões sobre as regiões auríferas e diamantinas de Minas Gerais ¹³.

O precioso relato de José Rodrigues Abreu, escrito nas Minas entre 1709 e 1713, esteve pois entre os primeiros redigidos sobre os descobertos auríferos. Jauffret, Antonil e Castro Sarmiento jamais estiveram na região, e escreveram a partir de roteiros redigidos por terceiros; já os testemunhos recolhidos pelo Ouvidor Matoso, ou pelo Padre Diogo Soares, ainda que ditados por observadores diretos da ocupação do território, foram fornecidos décadas depois dos acontecimentos. Neste caso, os filtros do tempo e da memória influenciaram sobremaneira a fala dos autores. Num deles, o correspondente anônimo, escrevendo por volta de 1750, afirmava que «pouca notícia posso dar, pela falta de discurso que naquele tempo tinha, por vir muito menino a estas Minas; mas pelo que ouvia conversar o paulista com quem assistia» ¹⁴. Noutro, José de Lemos Gomes, encarregado de reunir as

⁹ Recente publicação da Fundação João Pinheiro disponibiliza estes relatos a um público mais amplo. *Códice Costa Matoso*, Coord. de Luciano Raposo de Almeida FIGUEIREDO e Maria Verônica CAMPOS, Belo Horizonte, Fundação João Pinheiro, 1999.

¹⁰ ALMEIDA, André Ferrand de, *A formação do espaço brasileiro e o projecto do Novo Atlas da América portuguesa (1713-1748)*, Lisboa, CNCDP, 2001.

¹¹ TAUNAY, Afonso de (org.), *Relatos sertanistas*, pp. 124-148, 168-178.

¹² BRITO, Francisco Tavares, «Itinerário Geográfico, 1732», in *Códice Costa Matoso*, v. 1, pp. 898-910. Cópias do manuscrito podem ser encontrados em: Coimbra, Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, Ms. 148, fls. 6v-8v, e Lisboa, Biblioteca da Ajuda, Ref. 54-XIII-4, n.º 24.

¹³ SARMENTO, Jacob de Castro, *Matéria Médica, Physico-Histórica- Mechanica, Reino Mineral*, Londres, 1735. Sobre Jacob de Castro Sarmiento ver: CARDOZO, Manoel, «The Internationalism of the portuguese Enlightenment: the role of the *Estrangeirado*», in ALDRIDGE, A. O., *The Ibero-American Enlightenment*, Urbana, University of Illinois Press, 1971, pp. 153-154, 165-167.

¹⁴ *Códice Costa Matoso*, v. 1, p. 217.

informações mais antigas sobre o arraial de Catas Altas, escreveu: «procurei pelos meios que me foi possível saber à certeza, sem embargo que ainda nessas poucas pessoas que se acham ainda neste país e que são dos mais antigos, não deixa de haver variedade nos pareceres»¹⁵.

Rodrigues Abreu pôde discorrer a partir de sua observação direta e relatar os principais eventos que assistiu. Sua presença nas Minas permitiu que fosse capaz de distinguir o que era produto de sua observação direta do que tinha sido informado por outros, como ele fez questão de apontar em seus escritos. A preponderância do *visto* sobre o *ouvido* serviu de base para que ele pudesse realizar um estudo marcado pela empiria.

José Rodrigues Abreu era um médico português que, em 1709, acompanhou Antônio de Albuquerque, novo Governador da Repartição Sul, que incluía Rio de Janeiro, São Paulo e Minas do Ouro, na sua expedição às minas para a pacificação da *Guerra dos Emboabas*. Este conflito opôs paulistas e os recém-emigrados, apelidados genericamente *emboabas*, pelo controle das minas. As razões do conflito foram várias e se revelam na própria etimologia da palavra que é incerta e cujo significado é flexível. Por vezes, era utilizada para designar apenas os portugueses; em outras, englobava todos os que não fossem paulistas, como portugueses, baianos, pernambucanos, etc. Foi empregada ainda para diferenciar os que tinham aberto as minas, identificados como paulistas, e os recém-chegados, que eram acusados pelos primeiros de não terem contribuído para seu desbravamento e de apenas usufruírem de suas riquezas; ou para indicar todos os que utilizavam o caminho da Bahia, em oposição aos que chegavam de São Paulo; estes últimos, por sua vez, ainda podiam ser diferenciados em paulistas, taubateanos e santistas, dependendo da vila de origem¹⁶. Os paulistas se auto-denominavam «naturais do solo», «filhos da terra» e se opunham a todos os forasteiros, que eram chamados «emboabas por desprezo, que na sua língua quer dizer *galinhas calçadas*, o que imitavam pelos calções que usavam de rolos»¹⁷. Rodrigues Abreu distinguiu a «cidade de São Paulo e as vilas de Guaratinguetá, Pindamonhangaba, Taubaté, Itu, Sorocaba, Paranaíba e Jundiá», que compreendiam «o país dos paulistas», das minas, as quais esses chamavam «serra acima»¹⁸.

¹⁵ *Idem*, v. 1, p. 262.

¹⁶ Como exemplo, nos textos da época: «todos os reinóis e os mais não sendo paulistas», *Códice Costa Matoso*, v. 1, p. 198; «levantamento e sublevação universal dos naturais do reino de Portugal contra os paulistas e naturais de toda a Serra Acima», *Códice Costa Matoso*, v. 1, p. 193; «logo paulistas e taubateanos, também tidos por paulistas, como todos naturais de Serra Acima», *Códice Costa Matoso*, v. 1, p. 230. Ver RUSSELL-WOOD, A. J., «Identidade, etnia e autoridade nas Minas Gerais do século XVIII: leituras do Códice Costa Matoso», *Varia Historia*, Belo Horizonte, v. 21, pp. 100-118, 1999, e ROMEIRO, Adriana, *Um visionário na corte de D. João V: revolta e milenarismo nas Minas Gerais*, Belo Horizonte, Editora UFMG, 2001, pp. 195-197.

¹⁷ *Códice Costa Matoso*, v. 1, p. 206. Também: «Emboabas chamavam aos do Reino, palavra que quer dizer galinha com calças», p. 202.

¹⁸ ABREU, José Rodrigues, *Historiologia Médica, fundada e estabelecida nos princípios de George Ernesto Stahl*, Lisboa, Oficina de Antônio de Sousa da Silva, 1733, T. 1, p. 598.

Os paulistas foram os descobridores das minas e o rei tinha lhes garantido, em troca de seus serviços, a posse e o controle da região, o que vinha sendo ameaçado pela invasão de forasteiros¹⁹. Durante o levante, a insubordinação chegou ao limite extremo e os amotinados romperam os laços com a Coroa portuguesa. Manoel Nunes Viana, um dos potentados emboabas locais, foi aclamado Governador, em frontal desafio à autoridade do rei. Antônio de Albuquerque foi enviado pela Coroa para negociar a paz entre os grupos rivais e assegurar a subordinação ao poder régio.

Albuquerque vinha substituir Fernando de Lencastre, que falhara na pacificação da região, tentada por meio de uma expedição repressiva. Seu perfil, ao contrário de seu antecessor, era do negociador, o que foi atestado por José João Teixeira Coelho, ao afirmar que «os grandes talentos de Antônio de Albuquerque eram constantes à Sua Magestade e, por isto, o mesmo senhor o nomeou, (...) e lhe concedeu uma jurisdição ampla»²⁰. Sua trajetória na administração do além-mar o havia preparado para a nova função: governara o Maranhão, entre 1691 e 1701, e demonstrara sua habilidade para a diplomacia ao voltar à região, como representante do rei junto aos franceses, nas negociações da demarcação das fronteiras com a Guiana Francesa²¹. Tais funções deram-lhe a habilidade de falar a língua brasílica, o que foi importante na condução das negociações com os paulistas durante a Guerra dos Emboabas²².

Ao chegar a São Paulo, em 1709, Antônio de Albuquerque «passou disfarçado a Minas e, chegando ao arraial do Caeté, hoje vila, aí [lhe] foram prestar obediência [os chefes emboabas] Manoel Nunes Viana e Antônio Francisco (...). Sossegou este Governador os povos, pacificou as desordens, deu forma ao governo e fez observar as leis do soberano»²³. Assentou as bases do controle administrativo na região, ao fundar diversas vilas e submetê-las ao domínio régio. Só no ano de 1711, foram criadas as de Ribeirão do Carmo, Vila Rica e Sabará.

Quando se deslocou para a região das Minas, o governador foi acompanhado de uma pequena comitiva, composta de militares, criados, ajudantes e escravos, para sua segurança e demonstração de sua honra, como era o costume²⁴. José Joaquim da Rocha destacou «o capitão José de

¹⁹ Augusto de Lima Jr. calculou que cerca de dez mil pessoas foram para as Minas nos primeiros anos, o que ele chamou de *A Grande Invasão*. Em Portugal, várias medidas legais tentaram impedir essa emigração. A. de LIMA JÚNIOR, *A Capitania...*, cit., p. 36.

²⁰ J. J. T. COELHO, *Instrução para o governo da Capitania das Minas Gerais*, Belo Horizonte, Fundação João Pinheiro, 1994, p. 125.

²¹ SOUZA, Laura de Mello e, «Os nobres Governadores de Minas, mitologias e histórias familiares», in *Norma e conflito*, Belo Horizonte, Editora UFMG, 1999, p. 185.

²² «E como o senhor governador Antônio de Albuquerque tinha governado o Maranhão, sabia a língua», *Códice Costa Matoso*, v. 1, p. 200.

²³ J. J. T. COELHO, *Instrução...*, cit., p. 126.

²⁴ «tendo notícia do estado destas Minas, subiu a elas secretamente com algumas pessoas de sua guarda», *Códice Costa Matoso*, v. 1, p. 199. André Gomes Ferreira, em relato de 1750, é mais minucioso na descrição dos acompanhantes do governador: «um capitão de infantaria,

Souza que vinha na sua guarda» e que teria sido quem sugeriu a Antônio Francisco, antigo companheiro de armas na Praça da Colônia, que os rebeldes «os buscassem e se lançassem a seus pés os chefes dos levantados»²⁵. Estes, temerosos do castigo real, se deslocaram até Caeté, onde depuseram as armas perante o governador e estabeleceram os acordos que permitiram aos líderes rebeldes se retirarem para o sertão.

Um figurante seguia na comitiva do Governador, fosse como um de seus criados ou ajudantes: tratava-se do médico José Rodrigues Abreu, que o acompanhou em toda a sua segunda estada no Brasil, entre 1705 e 1713²⁶. Antônio de Albuquerque voltara doente a Portugal, em 1701²⁷, e, ao retornar ao Brasil, provavelmente ainda debilitado, exigiu a presença de um médico ao seu lado. Durante esses oito anos, visitou o Maranhão, no norte do Brasil, Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, no sudeste. A presença do médico nas Minas pode ser atestada pela sesmaria que Antônio de Albuquerque lhe concedeu, em abril de 1711. A terra media 400 braças e se localizava nos primeiros campos minerais distribuídos entre Vila Rica e Ouro Branco²⁸. Como era o costume, essas propriedades reuniam um misto de atividades agro-pastoris e minerais.

Durante sua estada nas Minas, ele escreveu a *Relação da Minas Brasileiras*²⁹. Este manuscrito permanece perdido ainda hoje. Diogo Barbosa Machado, que escreveu a preciosa *Biblioteca Lusitana*, um repertório de autores portugueses até o ano de 1747, reuniu algumas informações sobre o texto e informou que, na época, havia quatro manuscritos do texto³⁰. Infelizmente, não relacionou onde estavam depositados e ainda não foram encontrados. No entanto, em seu livro de medicina, *Historiologia Médica*³¹, publicado após seu retorno a Portugal, entre 1733 e 1739, Rodrigues Abreu incorporou parte de suas observações no verbete *ouro*.

Se a história brasileira se esqueceu de Rodrigues Abreu, os arquivos portugueses fornecem muitas informações sobre sua vida. O médico tivera

o Barbalho, dois soldados de praça, e um ajudante e quatro criados de cavalo», *Códice Costa Matoso*, v. 1, p. 213. Na mesma época, um morador anônimo de Mariana apontou «um escravo, o mestre-de-campo Gregório de Castro e alguns oficiais com que tinha saído do Rio de Janeiro», *Códice Costa Matoso*, v. 1, p. 207. Já José Álvares de Oliveira descreveu «um ajudante, um sargento e três soldados», *Códice Costa Matoso*, v. 1, p. 235. O ajudante era certamente José Rodrigues Abreu.

²⁵ ROCHA, José Joaquim da, *Geografia Histórica da Capitania de Minas Gerais*, Estudo crítico: Maria Efigênia Lage de RESENDE, Belo Horizonte, Fundação João Pinheiro, 1995, p. 88.

²⁶ A nau que levava o Governador de volta ao Reino aportou em Recife em dezembro de 1713, MELLO, Evaldo Cabral de, *A Fronda dos Mazombos: nobres contra mascates – Pernambuco, 1666-1715*, São Paulo, Companhia das Letras, 1995, p. 422.

²⁷ L. M. SOUZA, «Os nobres...», cit., p. 185.

²⁸ Belo Horizonte, Arquivo Público Mineiro, Seção Colonial, Códice 7, f. 89.

²⁹ J. C. P. de SOUSA, *Biblioteca Histórica...*, cit., p. 44.

³⁰ D. B. MACHADO, *Biblioteca...*, cit., T. II, pp. 895-896.

³¹ J. R. ABREU, *Historiologia Médica...*, cit.

vida atribulada. Nasceu em Évora a 31 de agosto de 1682, filho de Manoel Rodrigues de Abreu e Maria Antunes. Ali estudou Letras Humanas e Filosofia, titulando-se como mestre, em agosto de 1699, e, no ano seguinte, começou o curso de Medicina, em Coimbra, tendo ao fim recebido carta de cirurgia ³². Primeiro desempenhou suas atividades em Lisboa ³³. Em 1705, embarcou para o Brasil e, após voltar a Portugal, em 1714, foi designado Físico-Mor das Armadas. O posto de Físico-Mor era uma importante honraria. Ele tinha o direito de examinar e licenciar doutores e punir aqueles que agissem sem licença ³⁴.

Finalmente, em 1716, partiu para a Ilha de Corfu, em expedição contra os turcos que a sitiavam. Em 1729, deslocou-se para rio Caia, acompanhando os Reis na embaixada de conclusão dos desponsórios do Príncipe do Brasil e o das Astúrias ³⁵. A aliança entre Portugal e a Espanha, para efetivar o casamento de Dom José, Príncipe do Brasil, com a infanta espanhola Maria Ana Vitória, arrastou-se de 1720 a 1727, e significou também o acordo do enlace entre a infanta portuguesa, Dona Maria da Bárbara, e o Príncipe das Astúrias. Dois anos depois, foi realizada a troca das princesas, às margens do rio Caia, perto da fronteira dos dois países, com a presença de ambos os reis, Dom João V e Filipe V, e vários observadores anônimos, entre eles, o discreto médico. A cerimônia foi majestosa, tendo-se chegado a construir um castelo, às margens do rio, junto a uma ponte de pedra, para abrigar as comitivas ³⁶.

José Rodrigues Abreu não desperdiçou as viagens que fazia e «discreto por todas estas terras com observação de sábio, colhendo várias notícias das virtudes medicinais das ervas e plantas que produzem aquelas vastíssimas terras» ³⁷. A ampliação das fronteiras do império português e o movimento das viagens transoceânicas significaram uma renovação do conhecimento a partir de bases empíricas, fruto da observação de marinheiros, comerciantes, religiosos, administradores, médicos, entre outros. Rodrigues Abreu, como «todo viajante que desejava se tornar um *Peregrino Instruído*», e «por meio das viagens querem conhecer utilmente o mundo» ³⁸,

³² Lisboa, Arquivos Nacionais da Torre do Tombo (ANTT), Chancelaria de Dom Pedro II, Livro 49, f. 358.

³³ D. B. MACHADO, *Biblioteca...*, cit., T. II, p. 896.

³⁴ DUTRA, Francis A., «The practice of medicine in early modern Portugal», in KATZ, Israel J. (ed.), *Libraries, History, Diplomacy, and the performing arts*, Nova Iorque, Pendragon Press, 1991, pp. 135-137.

³⁵ D. B. MACHADO, *Biblioteca...*, cit., T. II, pp. 895-896.

³⁶ SERRÃO, Joaquim Veríssimo, *História de Portugal (1640-1750)*, 2.ª ed, Lisboa, Editorial Verbo, 1982. vol. v., p. 254.

³⁷ D. B. MACHADO, *Biblioteca...*, cit., T. II, pp. 895-896.

³⁸ MOTT, Luís, «O peregrino instruído: a propósito de um formulário etnográfico do século XVIII», *Separata do Boletim Cultural da Junta Distrital de Lisboa*, Lisboa, série III, n.º 75-78, pp. 4-6, 1971/1973. O manuscrito, intitulado *O Peregrino Instruído*, foi escrito por Dom Manuel Caetano de Sousa, durante o primeiro quartel do reinado de Dom João V, e constituía-se de 212 questões que deveriam ser observadas e respondidas por «aqueles que, por meio das viagens, querem conhecer utilmente o mundo».

tentou sistematizar em suas obras o conhecimento que adquiriu em sua peregrinação.

Essa «sabedoria do mar» revolucionou particularmente a ciência da *marinharia*, nos campos dos problemas náuticos, cartográficos e de construção; e a *matéria médica*, em especial na farmacopéia e na botânica medicinal³⁹. Todos esses temas se entrelaçaram na obra de Rodrigues Abreu, que escreveu quatro manuscritos, dois deles editados em livros. As observações que recolheu nas viagens náuticas foram compiladas no volume, *Luz dos Cirurgiões embarcadiços, que trata das doenças epidêmicas de que costumam enfermar os que se embarcam para os portos ultramarinos*⁴⁰, publicado em 1711, e escrito quando ainda estava no Brasil. Nele, descreveu as doenças que grassavam a bordo das embarcações, principalmente, a sífilis (chamada Morbo epidêmico) e os sintomas que relacionou à doença, como o aparecimento de lombrigas enormes, que viu serem expelidas pelo senhor de engenho Antônio da Cunha, no Rio de Janeiro, a quem ajudou a curar⁴¹. Escreveu também o livro *Historiologia Médica, fundada e estabelecida nos princípios de George Ernesto Stahl*, onde pretendia divulgar a nova patologia e a terapêutica do famoso médico prussiano, adaptando-as à situação do reino português⁴².

Dois de seus escritos permaneceram inéditos, na forma de manuscritos. O primeiro foi a *História das perturbações dos Países Baixos no tempo do Imperador Carlos V, Filipe II, Margarida de Parma e Duque de Palma*, e o segundo, a *Relação ou História das Minas Brasileiras*⁴³, ambos ainda não localizados. Este último, provavelmente, nunca chegou a lume por questão de segurança, como no caso do primeiro relato publicado sobre a região, em 1711, o conhecido livro de Antonil, *Cultura e Opulência no Brasil*, que, apesar das cinco licenças de impressão, concedidas inclusive pelo Santo Ofício, foi logo depois recolhido por ordem régia e queimado.

A descrição dos caminhos que levavam às minas e a exata localização de cada um deles, constantes no livro de Antonil, eram informações preciosas que deveriam ser mantidas fora do domínio público, para garantir a soberania portuguesa sobre as riquezas locais⁴⁴. Certamente, as invasões dos franceses no Rio de Janeiro, em 1710 e 1711, foram determinantes para a decisão de proibir o livro. Na segunda invasão, o próprio Governador, Antônio de Albuquerque, preparou uma armada e se deslocou para o litoral,

³⁹ BARRETO, Luis Filipe, *Os descobrimentos e a ordem do saber: uma análise sócio-cultural*, Lisboa, Gradiva, 1989, p. 63.

⁴⁰ ABREU, José Rodrigues, *Luz dos Cirurgiões embarcadiços, que trata das doenças epidêmicas de que costumam enfermar os que se embarcam para os portos ultramarinos*, Lisboa, Antonio Pedrozo Galram, 1711.

⁴¹ *Idem*, pp. 60-61.

⁴² J. R. ABREU, *Historiologia...*, cit.

⁴³ D. B. MACHADO, *Biblioteca...*, cit., T. II, pp. 895-896.

⁴⁴ A. J. ANTONIL, *Cultura...*, cit., pp. 277-298.

para ajudar na expulsão dos invasores. Entre as fileiras de cerca de seis mil homens que foram recrutadas às pressas, «da melhor e mais luzida gente, que tem as ditas Minas, assim forasteiros, como paulistas»⁴⁵, esteve certamente o médico José Rodrigues Abreu, quando então teve oportunidade de curar o senhor de engenho Antônio da Cunha⁴⁶.

O interesse dos franceses pelo Rio de Janeiro foi despertado pela descoberta do precioso metal e as invasões de Jean-François Duclerc (1710) e de Du Guay-Trouin (1711) pretenderam efetivar o controle sobre o principal porto de acesso às Minas⁴⁷. É possível supor, que a decisão sobre a invasão foi tomada após as informações dadas por Ambrozio Jauffret ao Governador da Guiana Francesa, o Conde de Pont Chartrein, em 20 de junho de 1704⁴⁸, o que demonstraria a transitividade entre o controle de informações estratégicas e a decisão de empreender uma tentativa de conquista além-mar⁴⁹.

Nas descrições de Jauffret, o ouro foi encontrado pelos paulistas na região de Cataguases, «região montanhosa com muitos rios», tendo sido o primeiro descoberto junto ao Ribeirão de Nossa Senhora do Carmo. Sugestivamente, indicou que a localização do «reino dos Cataguases é na altura de 23 graus distante do Rio de Janeiro, cem léguas (...) terra adentro. Nelas há minas de prata, ouro e esmeraldas», o que não deixaria de aguçar a cobiça dos franceses. A localização não correspondia à realidade, pois as minas estavam mais ao norte, na altura da Capitania do Espírito Santo. Indicou a existência de dois caminhos para as minas, um saindo do Rio de Janeiro, passando pela Ilha Grande, Parati, Taubaté, e Rio das Mortes, demorando dois meses. O outro, que partia direto de São Paulo, passando por Mogi, mais curto, custava apenas trinta dias⁵⁰.

A carta de Jauffret era uma relação histórica e geográfica da região de São Paulo e Minas e descrevia minuciosamente o litoral do Rio de Janeiro até o Rio da Prata. Fornecia aos franceses informações estratégicas e detal-

⁴⁵ *Apud* BOXER, Charles R., «Os franceses no Rio de Janeiro», *A idade de ouro do Brasil*, cap. 4, p. 125.

⁴⁶ Vários moradores das Minas estiveram presentes na armada que o governador deslocou até o Rio de Janeiro. Como José Rodrigues Abreu, outros médicos e cirurgiões se juntaram às tropas; cite-se o cirurgião-barbeiro, Luís Gomes FERREIRA, autor do *Erário Mineral*. FURTADO, Júnia F., «O Licenciado Luis Gomes Ferreira e seu caleidoscópio de imagens», in FERREIRA, Luís Gomes, *Erário Mineral*, Organização de Júnia F. FURTADO, Belo Horizonte, Fundação João Pinheiro, 2002.

⁴⁷ C. R. BOXER, *A idade...*, cit., pp. 117-128.

⁴⁸ A. JAUFFRET, «Relação...», cit.

⁴⁹ O francês Ambrozio residiu em São Paulo, por volta de 1680 a 1704, onde se casou e foi oficial da Câmara. Então, como comerciante, foi para a Guiana Francesa, com licença do Embaixador de Portugal, em expedição mercantil. Chegou no auge do conflito de fronteiras com o Brasil e foi convencido a ficar e fornecer suas preciosas informações. Como pagamento recebeu o cargo de Conselheiro do Governo e ali ainda estava estabelecido em 1711. A. MANSUY, *Mémoire...*, cit.

⁵⁰ A. JAUFFRET, «Relação...», cit.

hadas para uma eventual invasão. Como bem perceberam os conselheiros de Dom João V, ao proibir a circulação do livro de Antonil, a circulação de informações sobre a região contrariava os interesses régios e expunha a região aos ataques estrangeiros.

Mas, voltemos ao nosso autor José Rodrigues de Abreu. Se as condições eram desfavoráveis para a impressão do manuscrito sobre as Minas, seu zelo e sua fidelidade foram regiamente recompensados. Como estava se tornando comum em Portugal com os médicos importantes, especialmente aqueles que serviam à família real, ele recebeu várias honras. De fato, desde o século XVII, «a classe nobre vinha sendo ampliada para incluir, entre outros, importantes físicos e doutores»⁵¹. Rodrigues Abreu terminou seus dias na nobreza, vivendo de rendas e mercês. Em 1724, foi nomeado médico da Casa Real⁵²; no ano seguinte, recebeu alvará régio de vestiaría⁵³. Depois de servir fielmente no Paço, durante dez anos, recebeu o Hábito da Ordem de Cristo e uma tença de 100.000 réis⁵⁴, tornou-se Fidalgo da Casa Real, Familiar do Santo Ofício e médico do próprio Rei⁵⁵. Em 1750, foi eleito membro da Academia Médica Ibérica, fundada no Porto, na qualidade de Acadêmico Coletor Ulissiponense⁵⁶. Dois anos depois, habitava a rua das Parreiras, atrás do jogo da Pela, onde vendia suas obras⁵⁷. Morreu em 1755 e, logo em seguida, seu testamenteiro e vizinho, João Álvares de Carvalho, pôs a venda sua biblioteca, composta de livros de história, medicina e dos exemplares restantes de sua *Historiologia Médica*⁵⁸.

2. O Livro da Natureza

O desaparecimento do relato não nos impede de reconstituir pelo menos parte das impressões que José Rodrigues Abreu teve das Minas. Já de volta ao Reino, por volta de 1730, começou a redigir a *Historiologia Médica*, tratado em que procurou reunir sua experiência prática às modernas teorias de medicina. Em 25 de fevereiro de 1734, o rei Dom João V concedeu a licença necessária para circulação do livro por dez anos, que o próprio

⁵¹ F. DUTRA, «The practice...», cit., p. 140.

⁵² ANTT, Ministério do Reino, Decretamentos de Serviço, Maço 1, Documento 39.

⁵³ ANTT, Chancelaria de Dom João V, Livro 127, f. 329v.

⁵⁴ ANTT, Ministério do Reino, Decretamentos de Serviço, Maço 1, Documento 39.

⁵⁵ J. R. ABREU, *Historiologia...*, cit., T. 1, p. al.

⁵⁶ ANTT, Real Mesa Censória, Gazeta de Lisboa, Cx. 465, n.º 7, 17 de fevereiro de 1750. (Agradeço a André Belo por esta indicação.)

⁵⁷ ANTT, Real Mesa Censória, Gazeta de Lisboa, Cx. 465, n.º 40, p. 572. Quinta feira, 9 de novembro de 1752.

⁵⁸ ANTT, Real Mesa Censória, Gazeta de Lisboa, Cx. 465, n.º 36, 4 de outubro de 1755. (Agradeço a André Belo por mais esta indicação.)

médico «compusera e escrevera e tinha mandado imprimir»⁵⁹. O livro foi publicado em etapas, entre 1733 e 1739, e era composto de dois tomos, sendo que o primeiro, subdividido em oito partes, foi dedicado aos professores médicos. A apresentação do primeiro tomo ficou a cargo de Martinho de Mendonça de Pina e Proença, que salientou a capacidade do autor de se afastar das doutrinas tradicionais, baseadas no princípio da autoridade, que eram as bases sobre as quais se assentavam a Escolástica. Exaltou o autor, tal «qual novo Gama, conduz os portugueses, *por mares nunca dantes navegados*, a descobrir as riquíssimas Índias do conhecimento», numa clara alusão aos versos de Camões⁶⁰. Era também uma referência ao movimento das viagens portuguesas, das quais Rodrigues Abreu era um de seus atores, e o alargamento do conhecimento daí resultante, baseado na experiência e na empiria. O segundo volume, dividido em três, foi dirigido ao Cardeal João da Mota, que era confidente do Rei, quando a primeira parte deste tomo veio à luz, em 1739.

O livro era apresentado e dedicado a dois homens importantes, ambos ligados ao mundo dos livros, da renovação dos estudos e dos esforços da divulgação das Luzes em Portugal. Martinho de Mendonça, entre outros cargos, exerceu significativo papel no Conselho Ultramarino, foi tutor do infante Dom Manoel, Comissário Régio no Brasil e governador das Minas Gerais, de 1734 a 1737⁶¹. O Cardeal da Mota chegou a Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros, no reinado de Dom João V, e fazia na prática as vezes de primeiro-ministro⁶². Educados, viajados, ambos foram responsáveis por organizar a biblioteca real, a partir de 1731⁶³. Martinho de Mendonça também publicou autores portugueses no exterior, e estimulou a divulgação das novas teorias científicas em Portugal. Contou que, também «saí de Portugal, e vagando por quase toda a Europa, de caminho procurei alcançar alguma notícia dos sistemas modernos, (...) engenhosos sistemas de Leibniz e Newton»⁶⁴.

Apesar de todos os censores concordarem que o autor se assentara nos textos «dos mais famigerados escritores», especialmente os de «George Ernesto Stahl, famigerado escritor de nossos tempos», afirmaram que o fizera de tal modo que não ofendera as leis de Deus e as do reino e, com tal clareza, que muito tinha a ensinar aos iniciantes e médicos experientes, devendo a obra ser publicada⁶⁵. O que eles pretendiam dizer com esta assertiva? Como Rodrigues Abreu podia conciliar dois princípios opostos: os dogmas e as heresias? Saliente-se que, de um lado, ao tomar como ponto

⁵⁹ ANTT, Chancelaria de Dom João V, Livro 122, fl. 36-36v.

⁶⁰ J. R. ABREU, *Historiologia...*, cit., T. 1, p. b4v (grifo meu).

⁶¹ J. V. SERRÃO, *História...*, cit., vol. v, pp. 277 e 432.

⁶² *Idem*, vol. v, p. 266.

⁶³ *Idem*, vol. v, pp. 407, 432.

⁶⁴ J. R. ABREU, *Historiologia...*, cit., T. 1, p. a.

⁶⁵ *Idem*, T. 1, pp. b-b5.

de partida os estudos de Stahl e de outros pensadores considerados heréticos, herdeiros da Alquimia, Rodrigues Abreu se colocava na vanguarda do pensamento da época, opondo o racionalismo ao princípio da autoridade, salientando o primado do empirismo e da experimentação. De outro, não se pode esquecer, que essas mudanças aconteciam e se somavam aos pensamentos vigentes e o resultado era complexo, pois as novas idéias, muitas vezes, se misturavam às já em voga, mesmo quando aparentemente a elas se opunham.

O *Galenismo* era a doutrina dominante na medicina nesta época ⁶⁶, apesar de existirem algumas divergências e novas teorias que se espalhavam pela Europa e na Península Ibérica. Baseava-se nos princípios humorais e enfatizava que a doença tinha uma causa natural e precisava de cura que não fosse supranatural ⁶⁷. Defendia que todos os corpos se compunham de quatro elementos: terra, ar, fogo e água que se refletiam em quatro humores: fleuma, sangue, bílis negra e bílis amarela ou vermelha. As doenças eram provocadas pelo desequilíbrio dos quatro humores, normalmente causado por um pecado moral. A combinação da temperatura e das qualidades de plantas e animais era usada como prescrição para reencontrar o equilíbrio. Por exemplo, o sangue era vermelho e molhado e demandava a prescrição de algo frio e seco para contrabalançar ⁶⁸.

A conexão entre moralidade e pecado podia ser combinada no homem de diferentes maneiras provocando quatro características diversas: sanguíneo, fleumático, colérico e melancólico. Segundo essa concepção, como os homens estavam conectados ao mundo natural, era perfeitamente possível que elementos materiais pudessem transferir suas qualidades à natureza e aos homens. Por exemplo, uma conjunção maléfica dos planetas era capaz de causar uma praga ou uma alteração no humor ⁶⁹. Apesar de algumas controvérsias, o *Galenismo* era permitido e aceito pelas autoridades da igreja Católica, porque também partia do princípio que Deus governava tudo e todos e propugnava uma medicina a partir de terapêuticas naturais.

Desde o século XVI, muitos autores começaram a discutir seus princípios. Experimentalismo e anatomia colocavam em cheque diversas de suas concepções, mas muitas dessas idéias, ainda que inovadoras, eram embaçadas em pensamentos herdados da própria Alquimia e da Astrologia. Paracelso criou uma dessas teorias paradoxais, típicas dessa época. Contra o

⁶⁶ GOODYEAR JR, James, *Galenism in the torrid zone. Agents of Empire: Portuguese doctors in colonial Brazil and the idea of tropical disease*, Baltimore, Johns Hopkins University, 1982, pp. 73-121 (mimeo). (Agradeço ao Prof. J. Goodyear Jr. por disponibilizar sua tese para consulta e a Neil Safier por providenciar a reprodução da mesma.)

⁶⁷ LINDEMANN, Mary, *Medicine and society in early Europe*, Cambridge, Cambridge University Press, 1999, pp. 67-69.

⁶⁸ GRIGSBY, Bryon, *Medical Misconceptions*, in <http://orb.rhodes.edu/non@spec/missteps/Ch4.html>.

⁶⁹ LEWIS, C. S., *The discarded image*, Cambridge, Cambridge University Press, 1964, p. 110.

Galenismo, ele argüiu que cada doença era específica, tinha existência independente e podia ser tratada com remédios químicos. Afirmou que a medicina deveria ser praticada lendo o *Livro da Natureza*; em outras palavras, ele conclamava um conhecimento baseado na experimentação e na coerência. Mas também defendia a existência de uma *essência espiritual*, que Deus estava presente em todas as coisas, e se opunha ao naturalismo do *Galenismo*. Acreditava que o homem e os corpos celestiais obedeciam às mesmas leis, e que as estrelas influenciavam o corpo humano ⁷⁰.

Tanto alquimistas como astrólogos tinham pontos em comum com esses princípios. A Alquimia propugnava que um espírito, vivo ou não, estava por trás de todas as coisas, uma *essência primitiva*, que podia ser separada em quatro elementos: terra, ar, fogo e água. Paracelso e os alquimistas partilhavam desta mesma visão animística da natureza ⁷¹. Como outros alquimistas buscava a *quintaessência*, uma matéria incorruptível, para além dos quatro elementos formadores da vida, que, desafiando as regras da putrefação, podia curar e restaurar a juventude ⁷². Já os astrólogos acreditavam, como ele, na influência dos planetas e estrelas nos corpos, na moral humana, e no clima.

Em oposição, vários pensadores argüiam a idéia de que uma essência espiritual estivesse por trás de todas as coisas vivas ou inanimadas. Os seguidores da *Iatroquímica* conclamavam por uma visão mais racional do mundo, baseada em princípios mecânicos e matemáticos. Eles também defendiam que a fermentação, efervescência e putrefação eram os únicos processos da vida e negavam a existência de uma matéria incorruptível ⁷³.

Como veremos a seguir, a partir da análise do texto de José Rodrigues Abreu e das teorias de Stahl, que embasaram o livro do primeiro, o naturalismo e o animismo nem sempre se opunham no pensamento dos estudiosos modernos. Ao contrário do que comumente afirmam os estudiosos da ciência, não houve um desenvolvimento linear ou progressivo da ciência e princípios, aparentemente antagônicos, podiam se superpor ou mesmo se completar ⁷⁴. Estas teorias filosóficas encetavam visões do mundo e da natureza extremamente complexas e, por vezes, contraditórias. Compreender a forma como Rodrigues Abreu descreveu as minas de ouro brasileiras, requer

⁷⁰ C. S. LEWIS, *The discarded...*, cit., pp. 75-76.

⁷¹ STEVENS, Antony, *Ariadnes clue: a guide to the symbols of humankind*, Princeton, Princeton University Press, 1998, pp. 132-134.

⁷² SOUSA, A. Tavares, *Curso de História da medicina, das origens aos fins do século XVI*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1996, p. 377.

⁷³ M. LINDEMANN, *Medicine...*, cit., pp. 77-83.

⁷⁴ Cabe destacar alguns dos autores que hoje discutem essas interpretações lineares da ciência: GRAFTON, A., e SIRASI, N., *Natural particulars: nature and the disciplines in Renaissance Europe*, Cambridge, The MIT Press, 1999; GRAFTON, A., *Cardano's Cosmos: the worlds and works of a renaissance astrologer*, Cambridge, Harvard University Press, 1999.

um mergulho nas idéias que embasavam seu sistema de pensamento e suas crenças, oriundas das mais diferentes matrizes.

A primeira dessas matrizes era o pensamento de Stahl, físico e químico alemão. Como homem de seu tempo, Stahl foi influenciado pelas teorias herdadas da antiguidade, como a Alquimia e a Astrologia, mas baseando-as no empirismo e na experimentação. Suas idéias apontavam para o futuro e para o passado juntos. Ele chamou a si mesmo de filósofo e tentou ser um daqueles que liam o *Livro da Natureza*, a partir do princípio de que tudo era regulado por princípios químicos. Mas discordando dos *iatroquímicos*, e mais identificado com os alquimistas, ele defendeu a existência de uma alma criada por Deus ou uma *alma sensitiva*, mas somente por trás das criaturas vivas. Ele dividiu os elementos em dois: orgânicos e inorgânicos, e somente aos primeiros conferiu essa força vital. Escreveu vários livros e, em 1715, um sobre química e medicina, intitulado *Opusculum chymico-physico-medicum*⁷⁵. Nele, defendeu o *Phlogiston*, uma teoria da combustão associada aos processos biológicos da respiração, fermentação e decomposição. Relacionada à idéia da *essência primitiva* dos alquimistas, explicou a combustão a partir da existência de uma substância presente em todas as matérias, o *Phlogiston*, sem a qual o processo químico da queima não poderia acontecer. Além disso, acreditava na existência de cinco elementos primordiais: ar, água, terra vítrea, terra inflamável e terra metálica⁷⁶.

A idéia de uma alma por detrás de todas as criaturas vivas estava na essência do pensamento de Stahl. O corpo existindo e tendo sua existência por causa da alma, e o corpo sendo o instrumento do *anima*⁷⁷. «A alma, em Stahl, é um ser ativo, inteligente, autônomo, arquetônico, capaz de variar os movimentos vitais, que são produzidos conforme as finalidades da vida. (...) A alma era uma realidade ontológica»⁷⁸, e era «a energia ou constante ação de Deus em sustentar as criaturas vivas»⁷⁹. Se essas idéias colocavam Stahl próximo ao deísmo e ao animismo da igreja católica, as similaridades se encerravam aqui. Sua idéia de um princípio vivo por detrás de todos os elementos orgânicos estava muito mais próxima da *essência primitiva* dos alquimistas.

⁷⁵ STAHL, Georg Ernest, *Opusculum chymico-physico-medicum, seu schediasmatum a pluribus annis variis occasionibus in publicum emissorum, nunc quadantenus etiam auctorum et deficientibus passim exemplaribus in unum volumen iam collectorum*, Halle, Typis & impensis Orphantotrophei, 1715.

⁷⁶ PATTARO, Sandra Tugnoli, *La teoria Del flogisto: alle origini della rivoluzione chimica*, Bolonha, Clueb, 1983.

⁷⁷ GIERER, Alfred, «Organisms-mechanisms: Stahl, Wolff, and the case against reductionist exclusion», *Science in Context*, Cambridge University Press, vol. 9, n.º 4, pp. 511-528, 1996. (Citação p. 515.)

⁷⁸ HOFFMAN, Paul, «La controverse entre Leibniz et Stahl sur la nature de l'âme», *Studies on Voltaire and the Eighteenth Century*, v. 199, pp. 237-249, 1919. (Citação p. 239.)

⁷⁹ STAHL, Georg Ernest, *Philosophical principles of universal chemistry*, Londres, John Osborn, 1730, p. 9.

A química que ele propugnava, apesar de pretender atingir «a fundação de maneira científica de inquirir e preparar os corpos naturais e artificiais para os usos da vida»⁸⁰, estava recheada de elementos considerados heréticos. Na seção II de seu livro, sustentava que havia uma maneira, empiricamente verificável, de produzir a pedra filosofal, base da Alquimia. Garantia que essa arte fora herdada dos egípcios e árabes, e propagada na Europa a partir das *Declamações*, de Paracelso⁸¹. Destacou que os antigos defendiam três formas de produzir ouro puro, a partir do vítreo, nitro ou mercúrio. Como bom filósofo, Stahl só sustentou sua opinião depois de ter observado «a operação mais bem sucedida» e concluiu «que o método mais cômodo de todos, promete ser o que procedia [da mistura] do mercúrio corrido e do enxofre regular»⁸². Acreditava na possibilidade de produzir um *ouro filosofal*, que tinha a propriedade de ser multiplicado e aumentado, tanto em quantidade, quanto em qualidade, a *quintaessência*, desafiando as regras da putrefação e da decomposição, que ele mesmo defendera como características essenciais da natureza⁸³.

O próprio Stahl reconheceu que suas idéias encontravam resistência por dois motivos: declarara haver defeitos nos dogmas estabelecidos e que a consciência deveria reger a filosofia que pretendesse corrigir estes defeitos, abrindo um caminho melhor aos professores que quisessem realizar um trabalho sério⁸⁴. Um dos principais problemas por ele levantado dizia respeito às teorias mecânicas vigentes que pressupunham que o movimento impresso por Deus se aplicava a todas as matérias corpóreas. Defendia ele, que muitos destes movimentos ocorriam acidentalmente, e não possuíam uma causa eficiente, ou final, o que podia ser observado pela experimentação⁸⁵. Com estas idéias, imprimia a noção de caos como inerente à criação e se insurgia contra a perfeição que Deus imprimira às coisas vivas.

Na *Introdução* de seu livro, José Rodrigues Abreu afirmou que era seguidor das idéias de Stahl. Chegou a enviar o primeiro volume de seu livro para o famoso médico prussiano e recebeu suas congratulações numa missiva, a qual publicou no segundo volume da obra⁸⁶. Afirmou que os livros de Stahl chegaram-lhe às mãos vindos da Holanda, que os estudara atentamente, curioso com suas doutrinas, e que, como ele, «outros, muitos outros

⁸⁰ G. E. STAHL, *Philosophical...*, cit., Frontispício.

⁸¹ *Idem*, pp. 319-321 e 393-424.

⁸² *Idem*, p. 415.

⁸³ *Idem*, pp. 405-406.

⁸⁴ ABREU, J. R., «Cópia da resposta da carta que escreveu o autor ao Doutor George Ernesto Stalh», in *Historiologia Médica*, T. 2, p. c3. (Agradeço ao Professor Daniel de Carvalho Gonçalves a tradução da carta, e a Flávio Marcos da Silva a reprodução da mesma.) Enquanto todo o livro foi escrito em português para maior divulgação da obra no império português, segundo a vontade de Rodrigues Abreu, as cartas foram reproduzidas no original em latim.

⁸⁵ J. R. ABREU, «Cópia...», cit., T. 2, p. cv.

⁸⁶ J. R. ABREU, «Cópia da carta que escreveu o autor ao Doutor George Ernesto Stalh e Cópia da resposta», in *Historiologia Médica*, T. 2, p. b6, e T. 2, pp. c-c3.

seguidores são preparados» em Portugal⁸⁷. Ao contrário do que afirma a historiografia mais tradicional⁸⁸, Portugal não esteve imune às discussões e teorias científicas que se propugnavam no além Pireneus. Na primeira metade do século XVIII, vários autores estrangeiros foram traduzidos e as constantes viagens de intelectuais portugueses, particularmente no reinado de D. João V, grande patrono das ciências e das artes, foram fundamentais para a difusão das Luzes no país. Como bom *estrangeirado*⁸⁹, Rodrigues Abreu, em sua *Historiologia Médica*, tentou difundir novas teorias científicas e filosóficas, para isto publicou o livro em português, e não em latim como era o costume, «estimando mais, que os seus nacionais se utilizem desta lição sendo em idioma que todos entendam, (...) do que o nome que ele poderia alcançar nas nações estrangeiras, escrevendo esta obra na língua latina»⁹⁰. Afirmou que, «há trinta e dois anos que estudamos praticamente, e o havemos feito com diligência sempre, em toda a parte em que estivemos: conservamos correspondências literárias com professores doutos de várias cortes estranhas, lemos os livros com cuidado, extraímos deles o preciso»⁹¹.

Como Rodrigues Abreu, outros médicos portugueses procuraram renovar o conhecimento médico no reino, ainda que o ensino, nas universidades de Coimbra e Salamanca, até a primeira metade do século XVIII, estivesse marcado pelo *Galenismo*⁹². As viagens desses doutores a outras terras e o trânsito de estudantes portugueses em universidades européias foram fundamentais para o intercâmbio de idéias, oriundas das transformações nas ciências promovidas por estudiosos em outras cortes, mas também adquiridas a partir da experiência prática dos portugueses alcançada nas viagens marítimas a outras terras. Como exemplo, o médico cristão novo, Jacob de Castro Sarmiento, que viveu em Roma, Paris e Londres, traduziu para o português obras de Francis Bacon e, em seus próprios livros, divulgou a filosofia natural de Newton e a medicina de Boerhaave⁹³. Já Garcia d'Orta, médico que esteve na Ásia, entre 1523 a 1533, em seus *Colóquios dos simples e drogas e cousas medicinais da Índia*, tentou incorporar as plantas, animais, produtos e terapêuticas orientais, acentuando o primado da empiria, de sua experiência prática, em oposição ao academicismo do *Galenismo*, como forma primordial de acesso ao conhecimento⁹⁴. O mesmo propugnava o

⁸⁷ J. R. ABREU, «Cópia...», cit., T. 2, p. b6.

⁸⁸ Como exemplo: MARTINS, J. P. de Oliveira, *Historia da Civilização Ibérica*, Lisboa, A. M. Pereira, 1923.

⁸⁹ M. CARDOZO, «The Internationalism...», cit., pp. 141-207.

⁹⁰ J. R. ABREU, *Historiologia...*, cit., T. 1, pp. b3v-b4.

⁹¹ *Idem*, T. 2, p. b.

⁹² Nas universidades portuguesas, por um lado, o ensino se limitava e se conformava; por outro, a vida não-acadêmica dos matriculados se radicalizava. Os estudantes se reuniam em grupos secretos onde discutiam com liberdade sobre tudo.

⁹³ M. CARDOZO, «The Internationalism...», cit., pp. 163-166.

⁹⁴ GOODYEAR JR, James, «The Empirist: Garcia d'Orta», in *Agents of Empire*, pp. 81-93.

cirurgião-barbeiro Luís Gomes Ferreira, autor do *Erário Mineral*, publicado em 1735, como resultado da experiência que reuniu realizando diversas curas no Brasil, entre 1707 e 1733, particularmente em Minas Gerais. Luís Gomes Ferreira chamou a atenção para a importância de não se ater à tradição e regras dos antigos e condenou aqueles que não davam importância «nem à razão natural, nem ao que estão vendo com os seus olhos. (...) Pois ainda que todas estas coisas parecem incríveis, e contra a razão, a experiência mostra que todas são verdadeiras»⁹⁵.

Como acentuaram os censores da *Historiologia Médica*, atestar a influência de Stahl era um caminho perigoso, pois a Alquimia e a Astrologia impregnavam suas idéias. Rodrigues Abreu encontrou um caminho através do qual pôde escrever suas idéias sem despertar a ira das autoridades da igreja. Isso foi possível através da divisão, já presente em Stahl, entre matéria orgânica e inorgânica. Ele aceitou a existência de «um agente vital, espírito interno, alma, archeo, virtude plástica (...) ou qualquer outra coisa, que explique um princípio espiritual inorgânico, princípio movente e administrante, não só de todas as ações morais e racionais, mas também dos animais e vitais, o que se confirma vendo que a confusão e desordem de umas passa[m] com facilidade às outras»⁹⁶.

Rodrigues Abreu tocava aqui em pontos delicados para a igreja: a criação, a existência da alma e o livre-arbítrio. Sua afirmação aproximava-se perigosamente de um conjunto de proposições heréticas, pois sua idéia de um princípio inicial estava muito mais próxima da concepção de *essência primitiva* propugnada pelos alquimistas e, conseqüentemente por Stahl, do que da idéia de um Deus onipresente, defendido pela igreja católica. Não só atestava a existência de um princípio inorgânico, anterior a todas as coisas criadas, como este princípio espiritual estava presente em todos os animais, racionais ou não, e comunicava as virtudes e os defeitos entre as coisas vivas. Em uma frase, Rodrigues Abreu se insurgia contra os dogmas católicos da criação, segundo o qual Deus não tinha princípio nem fim, e criou todas as coisas vivas; da existência da alma apenas para os seres racionais; da crença na Divina Providência, pelo qual Deus governa o mundo com sapiência; e do livre-arbítrio humano, que responsabiliza os homens por seus próprios pecados.

Enredado nestas perigosas proposições, procurou amenizar seu discurso, ao reafirmar a crença de que «Deus [*sic*] governa o mundo»⁹⁷, e acentuar que só a matéria orgânica era comandada por este princípio espiritual. Martinho de Mendonça Pina e Proença assegurou que «o sistema *satahliano* na forma que VM o explica e aperfeiçoa, livrando-o das expressões equívocas, ou erradas, com que Stahl expõe a origem e imaterialidade das

⁹⁵ J. F. FURTADO, «O Licenciado...», cit.

⁹⁶ J. R. ABREU, *Historiologia...*, cit., T. 2, p. b3.

⁹⁷ *Idem*, T. 2, p. b1v.

almas humanas», era bem visto ao desenvolvimento da medicina portuguesa⁹⁸. Isto fora possível ao distinguir esta força motriz em duas: um princípio mecânico, metafísico, capaz de dar movimento infinito aos corpos e comunicar suas qualidades ou defeitos; e um segundo moral, do qual somente as criaturas inteligentes eram dotadas⁹⁹. Dessa forma, as estrelas e corpos celestes não poderiam influenciar o julgamento humano ou sua consciência, mas somente o corpo dos homens. Com essas afirmações, Rodrigues Abreu se reaproximava do animismo da igreja católica e propugnava a crença na onipresença divina e no livre-arbítrio. São Tomás de Aquino, na *Summa Theologiae*, tinha feito uma distinção muito parecida. «Como Albertus Magnus, Tomás insistiu na diferença entre a alma e o corpo. Enquanto os corpos celestes não tinham influência direta na razão e no desejo humano (...), ele garantia que as estrelas influenciavam as coisas materiais e até o corpo humano»¹⁰⁰. Isidoro de Sevilha fez uma distinção entre uma astrologia «natural» e outra «supersticiosa», abrindo uma passagem para outros autores que, como Pierre d'Ailly, chocavam-se com os dogmas da igreja católica, ao afirmarem a crença no poder dos astros¹⁰¹. A astrologia natural ou mágica pregava que uma simpatia natural estava por detrás de todas as criaturas vivas no mundo, mas rejeitava a influência dos astros sobre o juízo humano.

Para se diferenciar dos alquimistas, apesar do ponto de partida em comum, José Rodrigues Abreu acentuou seus pontos de discordância, exatamente naquilo que mais identificava a Alquimia, a crença na existência da pedra filosofal, na possibilidade de produzir uma matéria perfeita a partir de outra imperfeita. Ao falar das virtudes terapêuticas do ouro, se esforçou por questionar o saber alquímico. Disse, que os alquimistas acreditavam que o ouro «recebe as influências do melhor, e mais luzido de todos os astros, que é o sol», que não se tratava de um produto da natureza, mas podia ser fabricado pelas mãos humanas, como «um certo mouro [que] tinha uns pós cor de cidra, que lançados em prata a reduzia a ouro finíssimo». Chamou de fábulas essas e outras teorias, descartando todo o conhecimento tradicional, como a afirmação de Pico de Mirandola que o ouro podia ser encontrado na moela das perdizes, e a existência de um manuscrito hebraico que ensinava como fazer ouro a partir de uma erva semelhante a mangerona, que crescia com a influência da lua¹⁰².

Rodrigues Abreu concordou com Stahl na crença que o ouro era «o mais perfeito de todos os metais»¹⁰³, e ambos acreditavam que a Alquimia

⁹⁸ *Idem*, T. 1, p. c.

⁹⁹ *Idem*, T. 1, p. c.

¹⁰⁰ SMOLLER, Laura A., *History, prophecy and stars*, Princeton, Princeton University Press, 1994, p. 31.

¹⁰¹ L. A. SMOLLER, *History...*, cit., pp. 27-28.

¹⁰² J. R. ABREU, *Historiologia...*, cit., T. 2, pp. 514-515.

¹⁰³ G. E. STAHL, *Philosophical...*, cit., p. 291.

estava cheia de «tradições enigmáticas, relatos contraditórios e mútuas refutações»¹⁰⁴. Tal como seu mestre, o médico português pretendia chegar ao conhecimento por métodos empíricos, o que significava também que a Alquimia não deveria ser descartada *a priori*, mas somente quando confrontada com a experimentação. Stahl responsabilizava os grandes erros alquímicos «aos maiores [autores] que escreveram sobre essa matéria, pois não entendiam do assunto, (...) [tinham] noções confusas sobre isso; ou se entendiam, suas noções de química e de reações físicas eram muito deficientes: a consequência foi que eles formularam argumentos ruins e falsas conclusões, confundindo as causas verdadeiras»¹⁰⁵.

Apesar de acreditar que o ouro se caracterizava pela «grande constância que tem no fogo, por modo que, ainda fundido, não perde coisa alguma de sua substância, antes se purifica, e adquire maior esplendor por este caminho»¹⁰⁶, se aproximando da idéia da *quintaessência* dos alquimistas, descartou qualquer propriedade miraculosa a ele atribuída. Renegou-o como panacéia médica para qualquer tipo de doença, tal como era recomendado por uma *Medicina Solar*, que defendia que o ouro era sim o quinto elemento. Apesar da aprovação que a Real Academia de Ciências de Paris dera a um elixir a base do metal, que vinha sendo comercializado na cidade, discordou, pois «tendo-se aplicado nesta a vários sujeitos, interna e externamente, ainda até aqui não tenha visto efeito mal, mas também nenhum bom»¹⁰⁷. Como Stahl, Rodrigues Abreu não tinha dúvida que os testes empíricos sempre poderiam desmistificar as crenças mitológicas.

Stahl também compartilhava do ceticismo sobre as virtudes terapêuticas do ouro, pois essas noções eram oriundas da concepção de que «do corpo mais perfeito, ou do corpo de perfeitas misturas, que resiste à corrupção, um remédio pode ser obtido, capaz de curar a corrupção de outros corpos»¹⁰⁸. Em oposição, ele assegurava que não havia evidências empíricas da comunicação das propriedades intrínsecas de um corpo para outros. E com esse argumento, também questionava as virtudes anunciadas pelos defensores do magnetismo, dos cabalistas, ou outros que defendiam as virtudes dos astros e planetas¹⁰⁹.

¹⁰⁴ *Idem*, p. 319.

¹⁰⁵ *Idem*, p. 320.

¹⁰⁶ J. R. ABREU, *Historiologia...*, cit., T. 2, p. 528.

¹⁰⁷ *Idem*, T. 2, p. 528. Já o cirurgião-barbeiro Luís Gomes Ferreira confirmou o contrário exatamente a partir de sua prática da medicina em Minas, que «assim como o ouro é o soberano sobre todos os metais, assim também o seu óleo é o mais soberano remédio, que até o dia de hoje se tem descoberto para curar muitas enfermidades grandes». Garantia que se tratava de panacéia para diferentes males, pois o usava freqüentemente, e «se os moradores das Minas soubessem o que é o óleo de ouro, não haveria nenhum que quisesse estar em sua casa sem este grande remédio para as ocasiões que se oferecem», FERREIRA, Luis Gomes, *Erário Mineral*, Lisboa, Officina de Miguel Rodrigues, 1735, pp. 265, 285.

¹⁰⁸ G. E. STAHL, *Philosophical...*, cit., p. 291.

¹⁰⁹ *Idem*, p. 292.

Como seu mestre, para ler o *Livro da Natureza* a partir de princípios racionais e experimentais, Rodrigues Abreu se questionou de onde provinha o ouro. Falar sobre isto significava formular sua visão sobre as Minas Gerais, pois na região afloravam as riquezas que seu nome sintetizava e era de onde se originavam suas observações sobre o tema. Para ele, «as mais famosas minas do mundo se despojam essas nossas com tanta quantidade de ouro, (...) pois todas aquelas vastas e numerosas montanhas são montes de ouro e metais preciosos, (...) cujos cristais se levantam como alicerces de parede»¹¹⁰. Perguntou-se de onde provinha o metal e, ao contrário dos alquimistas que «defenderam dever-se a geração deste preciosíssimo metal somente à arte», acreditou que se «gera nas entranhas da terra, do hálito [ácido] sulfúreo-mercurial». Contrapondo-se aos mitos, propôs «relatar o que observamos nas minas do Brasil, (...) do clima daquelas terras em que se encontra, da situação dos seus montes, da abundância dos seus rios e das riquezas dos seus tesouros». Ou seja, só a experiência poderia servir de base para a construção de um pensamento conclusivo, afastado das superstições, estabelecendo a transitividade entre a especulação e a evidência real. Percebeu a insuficiência de suas observações sobre este ponto e preferiu ser inconclusivo do que reproduzir antigas crenças ao afirmar que «não era certo como era produzido»¹¹¹.

Afirmaram, com acuidade, os censores, que o livro era resultado dessa *praxe*, «pelas experiências que tem alcançado nestes reinos e notícias, que tem adquirido de muitos mais, não só da Europa, mas das outras partes do mundo, por que tem vagado»¹¹². Para o Frei João Batista Troyano, «saiu deste Reino o autor, e viajou por muitos e diferentes países, (...) tirando desta peregrinação grandes utilidades»¹¹³. Seguindo estes princípios, procurou diferenciar aquilo que aprendeu a partir de sua arguta observação, daquilo que se acreditava baseado na tradição. Empírico e racional, como bom filósofo, concedeu ao estatuto do *ver* uma preponderância sobre o *ouvir dizer*, ao contrário do que ainda era comum em seu tempo. Pôde-se perceber esse mecanismo de construção mental a partir da descrição que fez das jibóias da região. Afirmou categoricamente a sua existência, apesar de se tratarem de verdadeiros monstros e aberrações da sempre pródiga natureza da região, pois «*vimos* a pele de uma, que se mandou pendurar na sala do Palácio em que assistiam os Governadores, na Vila de Nossa Senhora do Carmo». Porém, não se arriscou a garantir sua origem, para a qual não reuniu elementos suficientes, deixando à «*opinião* dos práticos do sertão», que diziam «que dos ossos de umas nascem às outras»¹¹⁴.

¹¹⁰ J. R. ABREU, *Historiologia...*, cit., T. 2, p. 526.

¹¹¹ *Idem*, T. 2, pp. 514-515.

¹¹² *Idem*, T. 1, p. 1bv.

¹¹³ *Idem*, T. 1, p. b2v.

¹¹⁴ *Idem*, T. 2, p. 520 (grifo meu).

Ao desafiar o conhecimento destes práticos locais, se cercou de cuidados, porém quase nunca deixou de priorizar o que lhe demonstrara sua experiência. No rio Amazonas, procurara perceber se a ingestão dos peixes «fazia algum efeito notável», como era voz corrente, porém, ponderado, concluiu que «não o pudemos alcançar com certeza individual»¹¹⁵. Como o conhecimento só podia ser construído a partir da experiência concreta, ele era inconclusivo quando os elementos eram contraditórios ou insuficientes. Isso pôde ser observado no tratamento que deu sobre a questão que se colocara no início do texto: de onde provinha o ouro? Neste caso, afirmou que a experiência concreta das Minas brasileiras desconcertava qualquer tentativa de explicação, pois «tiram-no da rocha, acha-se no lodo, aparece no sertão, descobrem-no nos montes, encontram-se nos vales, nos matos e nos campos, e finalmente em toda parte, com tais circunstâncias, que confundem todo o discurso»¹¹⁶. Era tal a riqueza das minas brasileiras, que os metais estavam à flor da terra, e ele mesmo *vira* «arrancar no campo a erva, que naquele país chamam *capim*, e tirar-lhe ouro da terra, que lhe sacudiam das raízes»¹¹⁷. Suas observações contrariavam seu próprio mestre. Stahl escrevera que o ouro podia ser encontrado apenas na areia e no lodo, como ocorria nos rios e minas da terra¹¹⁸.

Como bom leitor do *Livro da Natureza*, Rodrigues Abreu só podia aceitar o conhecimento oriundo da práxis e, através dela, encontrar as regras que o criador estabelecera e governavam o mundo. Como católico, mas também como filósofo¹¹⁹, partilhava da crença de que o mundo era um mundo ordenado, era o espelho da criação e o caos a negação da existência de um Deus onipresente. Mas quando a realidade não podia ser explicada a partir de um saber empírico, quando a realidade desafiava a ordem das coisas, só a Bíblia e a religião podiam proporcionar uma explicação razoável. Minas Gerais foi, para ele, um desses paradoxos. O ouro, ao fundir-se à própria terra, contrariava todo o discurso, excitava a imaginação, fazia gerar a maravilha, e exigia mecanismos que fundiam de forma particular os oriundos da tradição ou das novidades científicas.

¹¹⁵ *Idem*, T. 2, p. 518.

¹¹⁶ *Idem*, T. 2, p. 528. Um dos relatos anônimos recolhidos pelo Ouvidor Costa Matoso faz uma descrição muito parecida sobre a abundância do ouro na região. Ao se referir a uma das primeiras jornadas dos paulistas à região do Rio das Mortes, o narrador contou que a estes «mostrou um dos capitães do gentio o ouro no capim, em folhetas, e outro, como grãos de munição». *Códice Costa Matoso*, v. 1, p. 218.

¹¹⁷ *Idem*, T. 2, p. 527. Também José Álvares de Oliveira, morador em Minas, contou que «por se achar ouro em seus morros tanto à flor da terra», *Códice Costa Matoso*, v. 1, p. 277.

¹¹⁸ G. E. STAHL, *Philosophical...*, cit., p. 258.

¹¹⁹ Os cientistas modernos chamavam-se a si mesmos de Filósofos e, apesar de defenderem um conhecimento empírico, não pretendiam opor razão aos desígnios divinos, mas ler e desvendar a obra de Deus a partir de princípios racionais.

3. Por mares nunca dantes navegados

As observações geográficas que Rodrigues Abreu fez da América Portuguesa encontram-se espalhadas e inseridas nos seus apontamentos médicos, na descrição das doenças e dos remédios naturais encontrados ao longo de suas viagens que foram incluídos na *Historiologia Médica*. Nessa parte do relato, o espírito prático e racional foi sobrepujado pelo onírico, apesar dele ter insistido no primado da empiria como o fio condutor de suas observações, em contar apenas o que «observamos nas nossas minas do Brasil (...) no tempo que ali assistíamos»¹²⁰. Como veremos, isso ocorreu porque, em seu imaginário, a região correspondia ao idílico, ao paradisíaco.

O médico foi para as «Minas Gerais dos Cataguás»¹²¹ na comitiva do governador Antônio de Albuquerque, que desembarcara no Rio de Janeiro¹²². Dali, tomou a rota costumeira, que gastava cerca de dois meses, passando por Parati, pela vila de São Paulo, Taubaté, Pindamonhangaba, Guaratinguetá, mais tarde conhecido como *Caminho Velho*. Transposta a Serra de Itatiaia, o caminho se dividia em dois: um para as minas de Caeté e outro para as da região do Rio das Velhas e Sabará¹²³. Dirigiu-se primeiramente para Caeté, onde Manoel Nunes Viana, chefe emboaba, se apresentou ao governador, e de lá foi para Sabará, Casa Branca, Vila Rica, Sabará, Vila Nova da Rainha, São João Del Rei, São José, Pitangui e Serro do Frio¹²⁴. Durante dois anos, circulou por toda a região já desbravada nas Minas, dirigindo-se ao Rio de Janeiro, em 1711, quando da invasão dos franceses¹²⁵. As viagens realizadas, que incluíram primeiramente o Maranhão e a travessia marítima pela costa para atingir o Rio de Janeiro, eram mais que suficientes para que tivesse um amplo conhecimento da geografia local.

A compreensão que Rodrigues Abreu atingiu da geografia da região seguiu os mesmos tortuosos trajetos que sua mente percorreu para conhecer a natureza e os homens: iniciou registrando aquilo que podia ser inferido pelos sentidos, descrevendo de forma precisa a localização das minas, que começavam «no campo de Ibitipoca, seis dias de jornada antes de se chegar ao arraial do Rio das Mortes, e terminavam no Tocambira [*sic*], além do Serro do Frio»¹²⁶.

Foi minucioso nas distâncias que separavam as Minas das Capitanias do Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco e São Paulo, não deixando de anotar,

¹²⁰ J. R. ABREU, *Historiologia...*, cit., T. 2, p. 515.

¹²¹ A. J. ANTONIL, *Cultura...*, cit. p. 230. Somente a partir de 1732 se fixou a expressão Minas Gerais, quando então o novo governador, Conde das Galveias, André de Melo e Castro, foi nomeado «Governador e Capitão-General das Minas Gerais». COSTA, Antônio Gilberto, *et al.*, *Cartografia das Minas Gerais*.

¹²² *Códice Costa Matoso*, v. 1, p. 199.

¹²³ A. J. ANTONIL, *Cultura...*, cit. p. 279.

¹²⁴ *Códice Costa Matoso*, v. 1, p. 200.

¹²⁵ *Idem*, v. 1, p. 202.

¹²⁶ J. R. ABREU, *Historiologia...*, cit., T. 2, pp. 515-516.

como bom empírico, que «poderá haver engano, por ser esta medida mais que pela reflexão, e cômputo dos dias» ¹²⁷. Como no restante do discurso, às experiências dos práticos, que eram particularmente os paulistas que percorriam aquelas paragens, contrapunha-se o discurso dos doutos. Assim, pôde afirmar, com certeza, que ficavam na altura da Capitania do Espírito Santo, vinte graus e cinco minutos de latitude, a sessenta léguas da costa, «segundo a observação de alguns pilotos, que naquelas terras vimos tomar o sol» ¹²⁸.

Observador atento do *Livro da Natureza*, Rodrigues Abreu tentou ler na paisagem suas permanências e regularidades, com o objetivo de construir uma explicação racional sobre ela. Esta prática era comum entre os naturalistas de seu tempo, que construíram teorias geológicas sobre a origem da terra, como o Conde Buffon (1707-1788), Louis Bourget (1678-1742), Nicolas Desmaret (1725-1815), Horace de Saussure (1740-1799) e Jean-Andre Deluc (1727-1817) ¹²⁹. Várias observações de Rodrigues Abreu, no tocante a estas questões, demonstram que ele estava atualizado com os debates nos diversos temas das Ciências Naturais de sua época e, a partir de suas observações, anotadas meticulosamente em seus relatos, formulou várias teorias, sendo algumas delas precursoras. Afirmou que todas as montanhas do Brasil estavam dispostas na mesma posição em relação à costa, sempre no sentido norte-sul. Pouco depois, em seu livro *História Natural*, o Conde Buffon fez afirmação semelhante e disse que, enquanto no Velho Continente as grandes cadeias de montanhas se colocavam no sentido leste-oeste, no Novo Continente elas se estendiam de norte a sul. Para este último, isto ocorria devido ao movimento das marés, já que todas essas terras estiveram sob o mar: no caso da Europa, o Mar Mediterrâneo e, no do Brasil, o Oceano Atlântico ¹³⁰.

Rodrigues Abreu atestou que a terra brasileira emergira antes do dilúvio universal. Esta crença não era apenas um dogma da igreja, também os naturalistas acreditavam na sua existência e, como mais tarde fez Buffon, utilizavam este fenômeno para descrever algumas características e conformações geológicas da terra. Outra observação do naturalista português sobre o Brasil foi que a terra era «mãe de abundantes águas, com que tomam nomes muito avultados rios, (...) o mato sobre espesso, é sumamente alto, virgem e afirmam que antediluviano» ¹³¹. O Conde Buffon utilizou estes mesmos argumentos da abundância de rios e lagos, do clima quente e da vegetação vigorosa como algumas das provas para sustentar a teoria de que

¹²⁷ *Idem*, T. 2, p. 516.

¹²⁸ *Idem*, T. 2, p. 516. As medidas feitas a partir da medição da posição do sol utilizavam o astrolábio.

¹²⁹ SILVA, Cláudio da, *O desvendar do grande livro da natureza*, Campinas, Unicamp, 1999. (Dissertação. Mestrado em Geociências.)

¹³⁰ BUFFON, Conde de, *Natural History, containing a theory of the earth, a general history of man, of the brute creation, and of vegetables, minerals*, Londres, H. D. Symonds, 1797, v. 1, p. 34.

¹³¹ J. R. ABREU, *Historiologia...*, cit., T. 2, pp. 516-517.

a América era muito mais jovem que a Europa ¹³². Porém, enquanto para Rodrigues Abreu estes atributos irão conferir qualidades positivas à terra, para o Conde ocorrerá o contrário e a América será vista de forma negativa e eurocêntrica como uma terra imperfeita.

Sobre o subsolo, Rodrigues Abreu observou que estava disposto em camadas paralelas «de cinco a seis palmos» de largura, como se fossem paredes deitadas. Na quinta ou sexta delas, mais profunda, encontrava-se o ouro. Para responder como o metal teria surgido nas profundezas das datas minerais, expôs as duas teorias correntes: «ou porque nele também se cria, segundo bem fundados pareceres, ou porque como metal grave, trazido por remoção da terra, ou pela inundação das águas, busca parte mais inferior para se aposentar entre» ¹³³. Apesar da tradição afirmar que o ouro se criava no estrato onde ele aparecia no subsolo, suas evidências e observações confirmavam as novas correntes teóricas que defendiam que era levado para lá e apontou a água ou outros efeitos naturais como responsáveis por essa remoção. A evidência para ele de que não era originário da camada em que era encontrado foi o aparecimento nos mesmos lugares de «carvão, e pedaços de barro cosido de pratos e panelas do gentio, que antigos séculos habitaram aqueles lugares» ¹³⁴. O Conde de Buffon, a partir da coleta de amostras em diferentes locais da Europa, afirmou que a tradicional teoria de Woodward (*Essay on the Natural History of the Earth*) de que a terra era composta de vários estratos paralelos e horizontais estava certa, apesar deste autor ter intuído esta afirmação e não a ter estabelecido a partir de experimento como fizeram os dois primeiros. Mas diferentemente de Rodrigues Abreu, que acreditava que os elementos mais pesados se depositavam nas camadas mais profundas ¹³⁵, Buffon disse que «os diferentes estratos de que a terra é composta não estão dispostos de acordo com seu peso específico, porque freqüentemente encontrei estratos de metais pesados colocados no lugar dos mais leves» ¹³⁶.

Rodrigues Abreu descreveu os três caminhos que iam para as Minas, o *Caminho Velho*, que partia de São Paulo, o *Caminho da Bahia*, que cruzava os currais e descia paralelo ao Rio São Francisco e o *Caminho Novo*, que vai «do Rio de Janeiro para as Minas, em paragem donde assistiu o Capitão mor Garcia Rodrigues Paes, natural de São Paulo, e primeiro descobridor desta estrada» ¹³⁷. Ao falar sobre eles, percebe-se que incorporou informações sobre o *Caminho Novo*, ainda não finalizado à época de sua viagem ¹³⁸ e,

¹³² C. de BUFFON, *Natural...*, cit., v. 1, pp. 159-161.

¹³³ J. R. ABREU, *Historiologia...*, cit., T. 2, p. 527.

¹³⁴ *Idem*, T. 2, pp. 527-528.

¹³⁵ *Idem*, T. 2, p. 528.

¹³⁶ C. de BUFFON, *Natural...*, cit., v. 1, pp. 197-201, 210.

¹³⁷ J. R. ABREU, *Historiologia...*, cit., T. 2, p. 516.

¹³⁸ O *Caminho Novo* foi aberto a partir da iniciativa de Garcia Rodrigues Pais que iniciou a tarefa em 1698. A geografia muito montanhosa foi um empecilho constante e a tarefa só

neste caso, a distância temporal decorrida até a publicação do segundo volume do livro, em 1739, que contém esta descrição, serviu para que o autor pudesse adquirir informações mais concretas e detalhadas.

Ao descrever as 16 capitanias de que se compunham o Brasil, informou que havia sido criada, «ultimamente, a das Minas, [que] compreende todo o sertão em que se lavra o ouro e tiram pedras preciosas»¹³⁹. Antes de Rodrigues Abreu ir para as minas, elas faziam parte da Repartição Sul, que englobava também as regiões de São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo. Na época, várias denominações de caráter regional eram empregadas para designá-las dependendo de sua localização, como «as minas dos Cataguazes, ou Cataguás», correspondendo às de Ouro Preto; «minas do Ribeirão do Carmo»; «minas do Rio das Velhas» ou «minas do Rio das Mortes». Rodrigues Abreu acompanhou o primeiro governador da nova Capitania de São Paulo e Minas de Ouro, criada por alvará régio de 1709, que desmembrou a região do Rio de Janeiro. Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho tomou posse do cargo em 18 de junho de 1710. Somente em dezembro de 1720, quando Rodrigues Abreu já se encontrava em Portugal, foi criada a Capitania das Minas a que ele se refere no texto¹⁴⁰.

Porém, se nesses aspectos, ele atualizou os dados que dispunha, em linhas gerais, relatou muito mais suas impressões pessoais, do que informações empiricamente verificáveis. Ao operar desta forma, o espaço geográfico das Minas foi preenchido por uma paisagem onírica. Cabe ao historiador atento procurar as razões porque enquanto percorria a vastidão dos sertões mineiros, abandonou a precisão e seu olhar foi dominado por uma visão idealizada, que se sobrepôs ao seu espírito racionalista de cientista. Ou por que não atualizou seus dados, ou pouco fez para isto depois de sua volta ao Reino, apesar da vasta erudição e da leitura atenta de vários livros, mantendo as impressões subjetivas que trouxera da viagem.

O relato sobre o *Caminho Novo* também revela a constituição de um saber compartilhado sobre a região, divulgado a partir da circulação das notícias entre os que por ela viajavam e exploravam, das correspondências trocadas com o reino¹⁴¹, ou dos roteiros e mapas manuscritos e impressos

foi concluída, em 1725, por Bernardo Soares de Proença. ANASTASIA, Carla M. J., e FURTADO, Júnia F., «A estrada real na história de Minas Gerais», *História e perspectivas*, Uberlândia, 1999, pp. 36-37.

¹³⁹ J. R. ABREU, *Historiologia...*, cit., T. 2, p. 524. Refere-se a: Pará, Maranhão, Ceará, Rio Grande, Paraíba, Itamaracá, Sergipe d'El Rei, Bahia de Todos os Santos, Ilhéus, Porto Seguro, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Vicente, São Paulo, d'El Rei e Minas.

¹⁴⁰ COSTA, Antônio Gilberto et al., *Cartografia das Minas Gerais*.

¹⁴¹ As correspondências comerciais foram uma eficiente forma de circulação de informações à época. O comerciante português, Francisco Pinheiro, advertiu seu correspondente nas Minas, de «que cá [Lisboa] tudo se sabe». O Conde de Bobadella contou a seu irmão que vinha lhe substituir no governo, que «tenhais por certo, que nelas [as Minas] só o que se não faz é o que se não sabe». FURTADO, Júnia F., *Homens de negócio: a interiorização da metrópole e do comércio nas Minas Setecentistas*, São Paulo, Hucitec, 1999, p. 107.

sobre a área. São vários os exemplos de informações contidas no texto que aparecem em outros relatos a ele contemporâneos. Apontou a etimologia da palavra Caeté, que significava mato grande, cujas minas se separavam das de Sabará pela serra da Mantiqueira ¹⁴². Descreveu o sertão da Bahia, onde se criava gado, curtia-se o couro para se vender nas Minas e tinha abundantes jazidas de sal. Sobre o rio São Francisco contou que cortava todo o sertão, era navegável da barra do rio das Velhas até Salto, onde «a água se despenca de tão alto, e com tal bulha, que duas jornadas distantes se ouve o estrondo». Referia-se a hoje chamada cachoeira de Paulo Afonso, próxima à foz desse rio. Contou que os passageiros se locomoviam das Minas para a Bahia utilizavam canoas «de duas em duas emparelhadas, e presas uma a outra para que a corrente não vire» ¹⁴³.

Esta distância temporal entre a viagem e a publicação do livro também permitiu que ele incorporasse informações sobre «o Serro do Frio, [onde] se descobriram ribeiros de que se extraíram infinitos diamantes» ¹⁴⁴. Esta descoberta ocorreu muito posteriormente a sua chegada ao reino. Os primeiros achados deram-se em meados da década de 1720, quando a notícia circulou principalmente por meio da correspondência entre parentes e amigos, pois a descoberta só foi comunicada ao Rei oficialmente pelo governador, Dom Lourenço de Almeida, em 1729 ¹⁴⁵. Quando Rodrigues Abreu esteve no Serro do Frio, o povoamento era escasso e concentrado em pequenos arraiais, os dois principais eram o arraial do Tejuco e a futura Vila do Príncipe, e por essa época explorava-se basicamente o ouro nos ribeirões. Ele contou que por ali viram esmeraldas, mármore, jaspes, cristais, ametistas e topázios ¹⁴⁶.

Afirmou que os paulistas corriam o sertão «para sua antiga e costumada conquista do gentio» e também tinham seus currais de gado na porção sul do Brasil ¹⁴⁷. Nos Campos de Goitacazes criavam-se eqüinos, utilizados para o transporte de cargas para as Minas ¹⁴⁸. Enumerou as diferentes formas de exploração do ouro: em alguns lugares, «estão as suas pedras cravadas de ouro, que o tiram por lavagem, quebrando-as e reduzindo-as a pó, com alavancas à força do braço e depurando-se na água o inútil»; mas, na maior parte, «os ribeiros trazem maior porção do metal, que banham nos profundos meados dos montes que os vertem. (...) Lavram-se ordinariamente os rios, e as suas margens, tirando o ouro de entre uma calçada, parecida a uma parede deitada, a qual chamam cascalho» ¹⁴⁹.

¹⁴² J. R. ABREU, *Historiologia...*, cit., T. 2, p. 517.

¹⁴³ *Idem*, T. 2, pp. 517, 520-521.

¹⁴⁴ *Idem*, T. 2, p. 527.

¹⁴⁵ FURTADO, Júnia F., «Saberes e negócios: os diamantes e o artífice da memória, Caetano Costa Matoso», *Varia Historia*, Belo Horizonte, v. 21, 1999, pp. 297-300.

¹⁴⁶ J. R. ABREU, *Historiologia...*, cit., T. 2, p. 527.

¹⁴⁷ *Idem*, T. 2, pp. 518, 521.

¹⁴⁸ *Idem*, T. 2, p. 522.

¹⁴⁹ *Idem*, T. 2, pp. 526, 527.

Rodrigues Abreu assumiu um discurso favorável sobre as Minas e seus moradores. Descreveu-a como uma terra de «ares benignos e salubres, (...) por conjunção de algum astro benévolo, em vez de destruição nos indivíduos, se experimenta multiplicarem-se as espécies com repetidos engendros [*sic*], sendo os nascidos nas minas bem proporcionados, partos de belíssimas criaturas»¹⁵⁰. Conclamava a influência dos astros para explicar a perfeição dos corpos e da natureza, pois os primeiros, segundo seus princípios, podiam transmitir suas influências às matérias. Opunha, desta forma, os moradores de Minas aos de São Paulo, onde grassava o bócio, e cuja doença fazia «a todos os seus moradores disformes os pescoços, são grandíssimos os papos, que têm um e outro sexo, velhos, moços, mínimos; nascem proporcionados, porém o tempo os vai pondo com esta deformidade»¹⁵¹.

Sua afirmação contrariava outros observadores que afirmaram que o bócio era endêmico em todo o interior do Brasil, e não apenas em São Paulo. O cirurgião-barbeiro, Luís Gomes Ferreira, acreditou que a doença era causada pela insalubridade das águas, e diferentemente concluiu que «não faltam em algumas partes das Minas». Passado algum tempo que estava na região, observou que «se encheram todos os da casa de papos, como se encheram bebendo da água de que bebiam». Percebeu que atacava a todos que permaneciam algum tempo na região, principalmente, «os paulistas, carijós, mamelucos, e mais em mulheres, que em homens», deixando-os com «papos que metem medo, caindo-lhe pelo peito abaixo». Hoje, a doença é conhecida por bócio, e sabe-se que é causada por carência de iodo, o que faz aumentar a tireóide e, por conseguinte, o pescoço, atacando exatamente aqueles que estavam há mais tempo longe do litoral: paulistas, mamelucos e índios. Mesmo sem saber com exatidão sua causa, a experiência prática de Luís Gomes Ferreira permitiu que ele percebesse que «alguns têm sarado tomando as ondas do mar (...), ou morando perto do mar»¹⁵². Rodrigues Abreu também creditou a doença à qualidade da água, mas somente as de São Paulo, contrapondo mais uma vez esta região às Minas onde as águas eram abundantes e claras.

Comparando as observações dos dois médicos, percebe-se que, no discurso de Rodrigues Abreu, a distinção na aparência entre os moradores de Minas e São Paulo não era fruto de uma observação exata, mas uma reminiscência das rivalidades entre estes e os emboabas, visto que a doença também grassava nas Minas e não atacava apenas os paulistas. Ao insistir na feiúra dos paulistas e na beleza dos mineiros, detratava os primeiros, invasores de uma terra tão bela, paraíso que produzia natureza e corpos perfeitos, e que tinha sido maculado ao por eles ser invadido. O autor da *Historiologia Médica*, como o governador que acompanhara, Antônio de

¹⁵⁰ *Idem*, T. 2, p. 515.

¹⁵¹ *Idem*, T. 1, p. 584.

¹⁵² L. G. FERREIRA, *Erário...*, cit., pp. 374-375.

Albuquerque, eram desfavoráveis aos sertanistas de São Paulo, o que se revelou na forma como este último conduziu a pacificação da região, marcada pela negociação, pelo perdão e mesmo pela promoção dos chefes emboabas, que haviam se insurgido e aclamado Manoel Nunes Vianna governador da região, em frontal desafio à autoridade reinol¹⁵³.

Para Rodrigues Abreu, os paulistas eram selvagens, não tinham civilização, e nem ao menos produziam o necessário para sua subsistência. Muitos «ficam sem cultura, ou nas suas povoações, ou metidos no mato, onde andam anos sem mais provimento para sua subsistência que pólvora, munição e machados. Vivem de caça que matam, de palmitos e mel de abelhas que encontram fabricado nos troncos das árvores». Porém, reconhecia que era graças a este modo de vida que desbravaram a região, pois «com este método têm atravessado os dilatados sertões da América portuguesa, entrando pela banda do sul, em terras de Buenos Aires, e pela do norte, nas do Pará»¹⁵⁴.

Este *discurso emboaba* pode ser também percebido no preconceito que ele demonstrou em relação às informações fornecidas pelos «paulistas, práticos daquele sertão»¹⁵⁵. Segundo seu sistema de pensamento, todo conhecimento tinha que ser oriundo da observação, mas, no caso destes sertanistas, seus relatos não tinham valor em si mesmos. Ao hierarquizar as informações que recebia e submetê-las a critérios de veracidade diferentes, o médico instruído imprimia à cultura erudita e à cultura popular status e credibilidades distintas. Isso ocorria porque para ele o saber formulado pelos homens de ciência era mais preciso do que aquele produzido por homens rústicos como eram os paulistas, quase tão bárbaros quanto os índios, ainda que o destes últimos fosse, essencialmente, fundado na práxis. Como veremos a seguir, a hierarquização positiva do conhecimento apreendido nos livros sobre a América em detrimento da experiência acumulada pelos bandeirantes paulistas será fundamental na formulação da sua concepção geográfica da região, induzindo-o a sustentar vários mitos sobre a conformação da terra. Mesmo sendo os paulistas homens que varriam o sertão, entre as medidas calculadas «pelo cômputo dos dias» e as provenientes de medições dos pilotos, ele não tinha dúvidas em dar mais crédito às segundas pois acreditava que estes se valiam de instrumentos precisos¹⁵⁶.

¹⁵³ «Quando o governador Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho, em julho de 1709, sobe às Minas para pôr fim ao conflito e restabelecer a autoridade de El-rei, ameaçada pela expulsão do seu antecessor, seus propósitos são muito diferentes dos de D. Fernando Martins Mascarenhas de Lencastre, que se manifestou claramente a favor dos paulistas. (...) É fato plenamente estabelecido entre os historiadores da Guerra dos Emboabas a manutenção, por Albuquerque, dos cargos e indivíduos empossados anteriormente por Nunes Viana», A. ROMEIRO, *Um visionário...*, cit., p. 191.

¹⁵⁴ J. R. ABREU, *Historiologia...*, cit., T. 1, p. 598.

¹⁵⁵ *Idem*, T. 2, p. 518.

¹⁵⁶ *Idem*, T. 2, p. 516.

Ecos das rivalidades entre paulistas e emboabas ainda persistiam nas Minas em meados do século XVIII, como se revela nos relatos recolhidos pelo Ouvidor Costa Matoso que, a exemplo do livro de Rodrigues Abreu, descortina um discurso emboaba e outro paulista sobre a região, seus moradores e os acontecimentos que a sublevaram. Como exemplo, num depoimento anônimo de um morador de Mariana, os paulistas eram acusados de terem «os gênios insolentes», tratando com desprezo os forasteiros, chamando-os de emboabas, e, ardilosos, «seguindo-nos em distância que não fossem vistos»¹⁵⁷. José Álvares de Oliveira, morador da Comarca do Rio das Mortes, considerava que paulista era sinônimo de «horrendo, fero, ingente e temeroso». Contou que eles se apoderaram «de todo o descoberto como costumavam em todas as minas, porque em todas punham e dispunham despoticamente pelo ditame de assim o quero, assim o mando, e à razão prevalece a vontade!»¹⁵⁸. Já Bento Fernandes Furtado, de linhagem taubateana, como era esperado, tinha uma visão favorável dos paulistas, considerando-os homens «de boa nota», bons, caridosos, ágeis, inteligentes, «bem-intencionados», poderosos e respeitados¹⁵⁹, e negativa dos emboabas, acusados de serem «invejosos», «ingratos filhos da Europa», «ambiciosos», «ardilosos para o negócio» e «em quem não permanecem merecimentos e sobra a ambição de senhorear o alheio por meios violentos ou menos razoáveis»¹⁶⁰.

A descrição favorável dos moradores das Minas e a exaltação da região que Rodrigues Abreu assumiu decorreram do papel central que a região passou a ocupar em sua cosmologia: era o próprio paraíso terrestre. Neste caso, a viagem, como fonte fundamental para o primado da empiria, para a afirmação apenas do que fosse realmente verificado, gerou uma operação inversa e as Minas Gerais passaram a ser descritas a partir de elementos do maravilhoso. Os homens eram perfeitos e bem dotados, a caça e a pesca eram abundantes, como eram cristalinas as águas que formavam caudalosos rios e as matas que forneciam madeiras de todos os tipos. O mato era alto e virgem e as soberbas serras chegavam às nuvens. Ora, tudo confluía, inclusive os astros, para uma natureza exuberante e farta, coroada pelo ouro, prata e outros metais, pois além dos «infinitos diamantes; vimos excelentes esmeraldas, filhas da mesma terra, finíssimos mármore, limpíssimos e claríssimos jaspes, transparentes cristais, ametistas, rubis, topázios, pedras quadradas, de cevar, etc.»¹⁶¹.

Rodrigues não era mais o frio cientista, o que descrevia era o próprio paraíso terreal, que fundia a maravilha, a natureza pródiga e as jazidas mine-

¹⁵⁷ Relação de um morador de Mariana e de algumas coisas mais memoráveis sucedidas, in *Código Costa Matoso*, v. 1, pp. 203-209.

¹⁵⁸ *Código Costa Matoso*, v. 1, p. 277.

¹⁵⁹ Notícias dos primeiros descobridores das primeiras minas de ouro pertencentes a estas Minas Gerais. In *Código Costa Matoso*, v. 1, pp. 200 e 166-193.

¹⁶⁰ *Código Costa Matoso*, v. 1, p. 200, pp. 177, 185, 192-193.

¹⁶¹ J. R. ABREU, *Historiologia...*, cit., T. 2, p. 527.

rais e que fizera parte, desde muito tempo, do imaginário coletivo europeu. A riqueza do relato de Rodrigues Abreu, incorporado em seu livro *Historiologia Médica*, não se revela apenas na presença de alguns dados importantes e empiricamente verificáveis sobre a região, mas sim nas possibilidades para o historiador da cultura de dissecar os mecanismos mentais que o levaram a tal construção da realidade.

Neste sentido, a perda do manuscrito original da *Relação das Minas Brasília*, talvez mais fértil em informações objetivas, inclusive sobre as negociações em torno da Guerra dos Emboabas, o desbravamento das Minas do Serro do Frio, ou a expulsão dos franceses do Rio de Janeiro, acontecimentos dos quais o autor foi testemunha ocular, não deve ser lamentada. O texto presente na *Historiologia Médica* revela instigantes desafios para quem acredita que a história é feita não apenas de fatos, mas pode ser iluminada a partir das impressões que os homens tinham do real, mesmo quando estas invertiam a realidade observada.

A persistência de pensamentos ainda marcados por uma leitura teológica e não científica da natureza e dos homens em seu livro, presente particularmente na descrição que redigiu sobre a conformação geográfica das Minas, só pode ser compreendida quando se percebe o papel que a região das minas brasileiras ocupava para o autor. Suas riquezas, guardadas nas entranhas e na superfície da terra, aproximavam-na do paraíso, de algo que escapava à compreensão humana e tinha uma lógica própria, dada pelo criador e não revelada ao homem. Na medida que esta conjunção de eventos não podia ser analisada a partir de critérios racionais, era necessário buscar outros mecanismos de explicação e, ao operar desta forma, aparentemente, um paradoxo se estabelecia em seu sistema de pensamento. Isso permitia que, em meados do século XVIII, sustentasse a existência de um paraíso terrestre, concepção não mais aceita pela igreja católica, combatida pela Inquisição, e o situasse nos confins das Minas Gerais. Como explicar que o médico que se esforçava por garantir o primado do ver sobre o ouvir, em construir um conhecimento alicerçado sobre bases empíricas, pudesse fundir as Minas ao próprio paraíso terrestre? Por essa época, o paraíso já era visto como uma noção a ser interiorizada, como experiência que não mais poderia ser apreendida pelos sentidos. Ora, como este homem de espírito racional, leitor de autores heréticos, descrevia a região a partir de uma concepção já em desuso – a da existência de um paraíso terreal?

Parte da resposta a esta questão pode ser encontrada exatamente no seu esforço por ser empírico. Os dados que recolheu sobre as Minas: a perfeição dos corpos e da natureza, o prodígio das riquezas e, principalmente, a desordem com que estas riquezas se apresentavam, aparecendo por toda parte, confundiam o discurso e impediam que o *Livro da Natureza* pudesse ser lido a partir das teorias científicas correntes.

Martinho de Mendonça Pina e Proença destacou, na introdução da *Historiologia Médica*, que cabia ao Filósofo descobrir os princípios mecânicos que regiam a natureza e desvendar a relação entre as causas e os efeitos

dos acontecimentos ¹⁶². Porém, este deveria estar sempre atento, pois a observação e os sentidos podiam ser enganosos e era necessário distinguir as causas eficientes – as que realmente contam para o fenômeno –, das ocasionais ¹⁶³. Apontou que, como Rodrigues Abreu, concordava com as idéias que estavam na base do pensamento de Stahl e de sua teoria Mecânica dos corpos ¹⁶⁴, ao acentuar que, mesmo os sistemas físicos mais exatos não seriam capazes de ser totalmente verdadeiros, ainda que formassem um corpo coerente de conhecimento, encadeando todas as causas e efeitos numa sequência lógica. Isto porque «todo filósofo que estiver dignamente persuadido da incompreensível sabedoria do Supremo Artífice confessará que, por vários desconhecidos e inumeráveis caminhos, pode produzir quanto vemos no universo» ¹⁶⁵. O grande arquiteto era capaz de dispor sua criação numa perfeição absoluta conjugada a uma aparente desordem. Ao tentar aproximar o discurso cético e materialista de Stahl aos dogmas da igreja católica, Rodrigues Abreu acabou por encontrar a explicação para esta aparente dicotomia (perfeição e desordem) que ocorria nas Minas do Brasil na própria materialização do sobrenatural, isto é, na manifestação terrena da criação divina: este local, onde Deus se revelava por inteiro, onde o discurso se confundia, impedindo uma leitura racional da natureza, era o próprio paraíso terreal. Era exatamente seu esforço em se guiar apenas pelo observável que conduzia sua mente a uma leitura bem pouco racional da região.

Esta leitura paradisíaca da terra *brasilis* era herdeira de uma tradição que remontava os primeiros tempos após o descobrimento ¹⁶⁶. Durante o século XVIII, este *éden tropical* se deslocou progressivamente para as Minas Gerais, o que se deveu, principalmente, às suas riquezas auríferas e diamantíferas, coincidindo o Eldorado ao paraíso terreal ¹⁶⁷. A abordagem de Rodrigues Abreu colocava-se na esteira dessa tradição, mas era ao mesmo tempo particular, pois fundia, numa maneira toda própria, imagens presentes na

¹⁶² O sistema causa-efeito foi proposto por Descartes, no século XVII, e partia da aceitação de uma dúvida existencial sobre todos os sistemas morais e políticos conhecidos, mas não o teológico. Descartes abandonou os livros (tradição) e foi viajar e aprender com o *grande livro do mundo*: «aprendi a não crer demasiadamente em nada que me foi ensinado», DESCARTES, René, *Discurso do método*, 2.^a ed., São Paulo, Abril Cultural, 1979, Coleção Os Pensadores.

¹⁶³ J. R. ABREU, *Historiologia...*, cit., T. 1, p. a.

¹⁶⁴ ABREU, J. R., Cópia da resposta da carta que escreveu o autor ao Doutor George Ernesto Stahl, T. 2, p. cv.

¹⁶⁵ J. R. ABREU, *Historiologia...*, cit., T. 1, p. b.

¹⁶⁶ HOLANDA, Sérgio Buarque de, *Visão do Paraíso*, 6.^a ed., Brasiliense, São Paulo, 1994; SOUZA, Laura de Mello, *O novo mundo entre Deus e o Diabo. O diabo e a terra de Santa Cruz*, São Paulo, Companhia das Letras, 1986, pp. 21-85; GOODYEAR JR, James, «Brazil: "terrestrial paradise"?», in *Agents of Empire*, pp. 33-72.

¹⁶⁷ Para análise da fusão do mito do Eldorado ao do paraíso terrestre e seu deslocamento progressivo para as Minas, ver FURTADO, Júnia F., «Chuva de estrelas na terra: o paraíso e a busca dos diamantes nas Minas setecentistas», in *História e meio-ambiente: o impacto da expansão européia*, Funchal, CEHA, 1999, pp. 445-458.

mitologia antiga, na escatologia católica do paraíso, e nas lendas indígenas de uma terra sem males. Também, era resultante de uma experiência compartilhada apenas por aqueles que viveram na região, constituindo o que poderíamos chamar de um *discurso emboaba* sobre as Minas, que inseria a localidade como centro e início de uma entidade americana, do império português e da própria cristandade ocidental.

Este caleidoscópio de imagens criado por Rodrigues Abreu o coloca como um ponto raro de inflexão, onde seus pensamentos podem revelar as possibilidades de circulação de topos da cultura erudita e da cultura popular que se auto alimentavam em contínua transformação ¹⁶⁸. Em relação à medicina de Stahl, ele fora capaz de criar um conjunto de doutrinas que harmonizava aquilo que lera atentamente nos livros do autor trazidos da Holanda, com os principais dogmas defendidos pelos pais da igreja católica e com a experiência prática acumulada nos anos de viagens pelos oceanos, transitando entre as diferentes partes do império português. Num processo semelhante, suas impressões da região mineradora mesclavam as informações lidas em livros de viagens e de medicina sobre a América, às discussões em círculos privilegiados de intelectuais portugueses após seu retorno, e às imagens trazidas de seu périplo na região. Eram o amálgama de observações diretas; de outras recolhidas no convívio com emboabas, paulistas, índios, estrangeiros e escravos que povoavam a terra; da leitura dos primeiros cronistas e exploradores, que fundiam tradições que remontavam à antiguidade, à bíblia e à mitologia indígena.

Enquanto o moleiro Menocchio, analisado por Carlo Ginsburg, ou Pedro de Rates Henequim, estudado por Adriana Romeiro e Plínio Freire Gomes, são exemplos de uma cultura vista de baixo e importantes para a análise do impacto da cultura escrita sobre outra, popular, baseada na linguagem oral ¹⁶⁹, o caso de Rodrigues Abreu permite uma leitura inversa. Por sua trajetória é possível acompanhar a formação de um intelectual, na esteira das transformações trazidas pelo Renascimento no contexto do expansionismo marítimo português, sob o impacto da experiência destas viagens e do contato com outros povos e culturas «vindas de baixo». Nascido em uma família pequeno burguesa, iniciou os estudos como cirurgião, ramo mais prático da medicina, separado dos *physicos*, estes sim os verdadeiros doutores. Depois de formado, foi servir na marinha, exercendo a arte curativa, sendo forçado a adaptar o que aprendera às diversidades das doenças e das realidades distintas do império. Ainda num cargo subalterno, como criado, acom-

¹⁶⁸ «Pode-se ligar esta hipótese [geral sobre a cultura popular] àquilo que já foi proposto, em termos semelhantes, por Mikhail Bakhtin, e que é possível resumir no termo «circularidade»: entre a cultura das classes dominantes e a das classes subalternas existiu, na Europa pré-industrial, um relacionamento circular feito de influências recíprocas, que se movia de baixo para cima, bem como de cima para baixo», GINSBURG, Carlo, *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*, São Paulo, Companhia das Letras, 1987, p. 13.

panhou um importante funcionário régio, o Governador Antônio de Albuquerque, na sua estada na América. Na região, como o governador, deve ter aprendido os rudimentos da língua geral, o que lhe permitiu não só conviver, como apreender as diferentes culturas que se encontravam numa das fronteiras do império. Ainda seguindo o governador, embrenhou-se no olho do furacão, nos confins das Minas do ouro, povoado por indivíduos de todos os tipos e convulsionado pelos conflitos que opunham paulistas e emboabas. De volta ao reino, procurou reunir todas estas experiências transformando-as em livros e colocando-as sob o crivo dos intelectuais e dos poderosos. Sua estratégia foi bem sucedida, terminou seus dias servindo no Paço, cercado de honras, freqüentando um círculo fechado de intelectuais e nobres em torno do monarca. Acumulou leituras e livros, mas jamais se esqueceu, ou deixou de imprimir nos seus estudos as marcas dos dias passados nas jornadas pelo mundo, de uma vivência compartilhada com indivíduos das mais diferentes formações, línguas e culturas. Rastrear os vestígios destas diferentes influências é o desafio a ser trilhado neste artigo, o que nos permitiria perceber o que Ginsburg convencionou chamar das circularidades ou reciprocidades entre a cultura erudita e a popular, vistas agora sob o ângulo inverso, ou seja, como as idéias que se moviam de baixo para cima podiam se cristalizar como conhecimento erudito e tornarem-se permanente impressas numa linguagem escrita, influenciando a percepção que os europeus tinham do mundo. Nesta perspectiva, o olhar se desloca e a América coloca-se como centro a partir do qual idéias novas eram constituídas. As caravelas que cortavam incessantemente os oceanos tornavam-se caravelas de cultura, não só porque eram portadoras de homens e objetos que reproduziam na terra dos papagaios os valores e a cultura européia, mas que no trajeto de volta levavam uma nova percepção do mundo, uma cultura *mestiça*¹⁷⁰ que imprimia suas marcas na própria cultura do colonizador.

A análise da visão de Rodrigues Abreu e de outros contemporâneos seus, como Pedro de Rates Henequim, revela a existência de um universo mental comum aos moradores das Minas, particularmente os oriundos do Reino, no início do século XVIII, no qual a edenização da região ocupava um papel central¹⁷¹. Henequim, preso pela Inquisição, condenado como herege e queimado no último Auto de Fé que Lisboa assistiu, pretendia reunir todo o conhecimento que adquiriu sobre o paraíso, num livro intitulado *Paraíso Restaurado, Lenho da Vida Descoberto*. Não chegou a concretizar seu

¹⁶⁹ C. GINSBURG, *O queijo...*, cit.; A. ROMEIRO, *Um visionário...*, cit.; GOMES, Plínio F., *Um herege vai ao paraíso, cosmologia de um ex-colono condenado pela Inquisição (1680-1744)*, São Paulo, Companhia das Letras, 1997.

¹⁷⁰ Para o conceito de mestiçagem cultural destaco aqui: GRUZINSKI, Serge, *La colonisation de l'imaginaire. Sociétés indigènes et occidentalisation dans le Mexique espagnol*, Paris, Gallimard, 1988; GRUZINSKI, Serge, *O pensamento mestiço*, São Paulo, Companhia das Letras, 2001.

¹⁷¹ A. ROMEIRO, *Um visionário...*, cit., pp. 162-167; P. F. GOMES, *Um herege...*, cit., pp. 109-119.

intento, mas resumiu aos inquisidores as linhas gerais já por ele esboçadas. No centro do Brasil, nos confins das Minas Gerais, cercado pelas serras, ali estaria o paraíso terrestre, pois encerraria os quatro rios, a árvore da vida e a árvore da ciência e onde foram criados Adão e os anjos ¹⁷². Como Rodrigues Abreu, a viagem, especialmente à terra do ouro, fora fundamental para esta formulação, pois tudo aprendera «navegando mares, andando terras, tratando com gentes, observando-lhes os costumes; examinando árvores, e seus frutos» ¹⁷³.

Mas Rodrigues Abreu também era partícipe de volta a Portugal de um outro grupo, o dos *estrangeirados*, aqueles que através das viagens buscavam o conhecimento para contribuir para o desenvolvimento político, econômico e intelectual do Império. Eram representantes ultramarinos, ministros do governo e intelectuais, que discutiam amplamente as questões do Reino, quase sempre num caráter privado, mas alguns de seus membros participaram da recém-criada Academia Real de História Portuguesa ¹⁷⁴. Grandes expoentes deste grupo seletivo e informal foram Martinho de Mendonça Pina e Proença e o Cardeal da Mota, que, não por mero acaso, tomaram o encargo de escrever a apresentação do livro de Rodrigues Abreu. Alguns de seus membros estiveram no Brasil como funcionários régios, ou participavam das articulações políticas do Conselho Ultramarino e faziam parte da elite intelectual promovida por Dom João V. Como resultado de sua arguta observação, crescia entre eles a consciência do papel que o Brasil e particularmente as Minas vinham ocupando, oscilando a balança econômica e mesmo política do império. Quem melhor articulou esta impressão foi Dom Luís da Cunha, diplomata e grande crítico da situação periférica que Portugal vinha tomando na política e na economia européia. Percebeu com perspicácia, o deslocamento do centro do eixo econômico do império com a descoberta do ouro e a crescente dependência que Portugal adquiria em relação ao Brasil. Previu a necessidade de transferência da Corte para a América, de onde o rei governaria, tomando o título de «Imperador do Ocidente» ¹⁷⁵. A visão paradisíaca das Minas presente no discurso de Rodrigues Abreu era uma das facetas desta visão que, invertendo a ordem do império português, criava sua centralidade no interior das Gerais.

Sua visão sobre as Minas, lapidada nos círculos intelectuais joaninos, expressava as vivências e angústias que trouxera da viagem e era compartilhada por outros que viveram na terra nos períodos iniciais e conturbados do povoamento. O levante emboaba cindira os moradores em diferentes grupos, e os ecos dessas antigas rivalidades ainda repercutiam decorridos longos

¹⁷² A. ROMEIRO, *Um visionário...*, cit., pp. 61-62.

¹⁷³ *Apud* A. ROMEIRO, *Um visionário...*, cit., p. 84.

¹⁷⁴ M. CARDOZO, *The Internationalism...*, cit., pp. 153-167; MAXWELL, Kenneth, *Marquês de Pombal: paradoxo do Iluminismo*, São Paulo, Paz e Terra, 1996, pp. 14-19.

¹⁷⁵ K. MAXWELL, *Marquês de Pombal*, cit., p. 16; A. ROMEIRO, *Um visionário...*, cit., p. 165.

anos. Também a expedição que os moradores das Minas, capitaneados pelo Governador Antônio de Albuquerque, fizeram ao Rio de Janeiro para auxiliar na expulsão dos invasores franceses, liderados por Duguay-Trouin, deixou profundas marcas na percepção que os partícipes passaram a ter da região e de sua posição no império. O governador deixou o arraial do Ribeirão do Carmo com cerca de seis mil homens, mobilizados em menos de uma semana, mesclando paulistas e forasteiros, esses últimos mais numerosos. A viagem foi um tormento. Castigado pela chuva constante, em marcha forçada, com os rios transbordando, o valoroso exército cruzou com muito custo a serra do Mar para encontrar a cidade já rendida e entregue sem resistência aos franceses ¹⁷⁶. Essa experiência foi com certeza marcante não só na concepção geográfica da impenetrabilidade das Minas formulada por Rodrigues Abreu, como também na centralidade do seu papel e de seus moradores na construção do império. Adriana Romeiro enxergou na participação de Henequim nos mesmos acontecimentos como uma das chaves para compreender o imaginário rebelde do qual ele era partidário ¹⁷⁷. A autorização velada do rei para que os residentes do Rio de Janeiro negociassem com os corsários, satisfazendo suas exigências, pagando pesado resgate, constituído basicamente do ouro que descera das Minas a espera de ser embarcado para o Reino, serviu para redefinir as noções de lealdade e valor daqueles que, com tantos sacrifícios, tinham colocado a si e a seus escravos em prontidão para a defesa das fronteiras portuguesas na América. Como salientou um cronista anônimo, isso fez com que os americanos fossem dados «em vários tempos, a princípio de revoluções» ¹⁷⁸.

4. Paraíso reconquistado

Entre os séculos XVI e XVII, vários cronistas da colonização da América portuguesa consolidaram a identificação entre o Brasil e o paraíso terrestre ¹⁷⁹. Diversos elementos apontados por estes autores podem ser encontrados no relato de Rodrigues de Abreu, porém deslocados para o interior das Minas. A presença desta identidade comum permite reconstruir parte do universo cultural deste médico instruído e como estas idéias circulavam entre as populações autóctones, os colonizadores, os mestiços que exploravam e povoavam a terra e a elite ilustrada, num ir e vir de imagens em contínua transformação. Ao lado da própria experiência vivida, os livros eram para ele os receptáculos mais importantes e constituintes de suas

¹⁷⁶ C. R. BOXER, *A idade...*, cit., pp. 125-126.

¹⁷⁷ A. ROMEIRO, *Um visionário...*, cit., p. 49.

¹⁷⁸ Memórias políticas, históricas e críticas do reynado do Senhor Rey D. João V, *apud* A. ROMEIRO, *Um visionário...*, cit., p. 49.

¹⁷⁹ S. B. HOLANDA, *Visão...*, cit., pp. 35-130.

idéias. Rodrigues Abreu contou em sua carta a Stahl «que, nos últimos anos, me foram trazidos da Holanda¹⁸⁰ [livros] sobre vários assuntos» e que estivera «entusiasmado com a leitura agradabilíssima daqueles livros, e de quantos me tinham chegado às mãos»¹⁸¹. Ao cotejar as descrições presentes em seu relato sobre as Minas Gerais e as que estão nos livros de viajantes, jesuítas e cronistas dos séculos XVI e XVIII sobre a América em geral, podemos traçar algumas das leituras deste médico instruído, ou pelo menos a fonte escrita que em parte embebia esta concepção paradisíaca da região, ainda que ele não tenha citado a todas. É possível também perceber como ele lia e se apropriava das informações que estes livros continham, pois a leitura é sempre um ato dinâmico e pode encetar infinitas formas de apreensão¹⁸².

O Gênesis era a fonte primordial para a identificação do paraíso no pensamento ocidental, e descrevia que «o senhor Deus, tinha plantado ao princípio um paraíso, ou jardim delicioso, no qual pôs ao homem que tinha formado. (...) Deste lugar de delícias saía um rio, que rasgava o paraíso, e que dali se repartia em quatro braços. Um se chamava Fison; e este é o que torneia todo o país de Evilate, onde nasce o ouro. E o ouro desta terra é excelente: ali também se acha o berilo e outras pedras preciosas».

A descrição do Gênesis criara uma relação direta entre as riquezas mineiras e os rios como indicativos do paraíso. São Jerônimo, na epístola CXXV, associara o Ganges ao Pison do paraíso, pois carregava copiosíssimas gemas em suas águas; o *Ymago Mundi*, de Pierre d'Ailly, dedicava dois capítulos inteiros aos rios do paraíso com suas pedrarias e ouro¹⁸³. Colombo, ao ver a foz de um grande rio, não hesitara em afirmar que chegara ao paraíso e que as riquezas minerais estariam próximas. A conformação da hidrografia das Minas Gerais, com suas riquezas em ouro, prata, diamantes e outras pedras

¹⁸⁰ Era nos Países Baixos que se imprimia grande parte da literatura clandestina que circulava na Europa na época. Ver DARTON, Robert, *Os best-sellers proibidos da França pré-revolucionária*, São Paulo, Companhia das Letras, 1998. Por meio do relato de Rodrigues Abreu também é possível traçar algumas das rotas como os livros clandestinos chegavam a Lisboa. Contou que se abastecia de livros em Amsterdam, Nuremberg e Leipzig, escolhendo-os a partir de listas de catálogos que requisitava, especialmente nas listas de João Cristófero Goetz. A esta afirmação, Stahl replicou que seus livros eram impressos e comercializados apenas por um tipógrafo, mas este, «por declarações públicas, não é associado [i.e. aceito] por eles à categoria dos livreiros». Apesar das dificuldades de comercialização, disse que «não poucos exemplares desses volumes, de tempos em tempos, tinham chegado até Paris de Lutécia, e encontram abrigo até mesmo na biblioteca do Vaticano», ABREU, J. R., «Cópia da carta que escreveu o autor ao Doutor George Ernesto Stahl», in *Historiologia Médica*, T. 2, pp. b, c3.

¹⁸¹ ABREU, J. R., «Cópia da carta que escreveu o autor ao Doutor George Ernesto Stahl», in *Historiologia Médica*, T. 2, p. b.

¹⁸² «Porque a leitura, ao contrário da carpintaria e do bordado, não é meramente uma habilidade; é uma ativa elaboração de significados dentro de um sistema de comunicação», DARTON, Robert, *O grande massacre de gatos, e outros episódios da história cultural francesa*, Rio de Janeiro, Graal, 1986, pp. 278-279.

¹⁸³ O *Ymago Mundi* foi uma referência importante sobre a conformação da terra para os exploradores no início das viagens modernas. Colombo foi um de seus atentos leitores.

preciosas, guardava uma impressionante semelhança com os rios do paraíso. Para Rodrigues Abreu esta constatação vai imprimir uma dimensão toda especial na sua descrição geográfica da terra, para ele, «neste lugar, como centro de repetidas linhas, emanam os mais caudalosos rios da América» e, tal fenômeno ocorreu por «que todos os rios que contêm e se destilam das quebradas das serras pela fronte do sertão»¹⁸⁴. Nestas últimas linhas sustentava outra imagem paradisíaca na qual nas Minas a natureza desafiava as regras estabelecidas pelo criador, pois os rios não corriam diretamente para o mar, mas primeiramente para o interior, vindos das serras para o sertão.

Outra imagem do Gênesis reproduzida nas Minas por Rodrigues Abreu foi a dos quatro braços de rio que circundavam o paraíso, resguardando-o. Descreveu que, do interior da região, emanavam quatro importantes rios, que definiam suas fronteiras, isolando-as do litoral. O rio das Velhas desaguiava no rio São Francisco, e estabelecia os limites oeste e norte com as capitanias da Bahia e Pernambuco; um segundo rio São Francisco, que, apesar do mesmo nome, corria até a Ilha de Santa Catarina, separava a região sul. Na direção leste, estavam o rio Paraibuna e o rio Paraíba do Sul, separando as capitanias do Espírito Santo e do Rio de Janeiro e, por fim, a nordeste estava a bacia do rio Doce, que corria em sertão quase impenetrável e também isolava a Capitania do Espírito Santo. Esta corrente de rios, que fechavam as minas, e que lembravam os quatro rios do paraíso, era uma das mesmas reminiscências que Pedro de Rates Henequim utilizou perante os inquisidores para justificar que eram as Minas «o Paraíso Terreal, em que Adão foi criado»¹⁸⁵. Ousado, chegou a afirmar que os nomes dados aos rios do paraíso na Bíblia eram todos «nomes apócrifos, porque os verdadeiros são os rios de São Francisco, das Amazonas e outros»¹⁸⁶.

Este paraíso, ou terra de delícias, não era uma criação somente do imaginário cristão. André Thevet, que esteve no Brasil com os franceses durante a invasão do Rio de Janeiro, em 1555, relatou que, como os cristãos, também os índios acreditavam na existência de uma alma (*xerepiquara*) que era imortal, e que os espíritos dos bravos guerreiros «seguem juntamente com diversas outras almas para locais aprazíveis: bosques, jardins, pomares»¹⁸⁷. Muitos elementos presentes na descrição que Rodrigues Abreu fez das Minas eram compartilhados pela escatologia indígena e pelo ideário cristão ocidental. Entre estes elementos figuravam não só a idéia do paraíso

¹⁸⁴ J. R. ABREU, *Historiologia...*, cit., T. 2, pp. 517 e 525.

¹⁸⁵ P. F. GOMES, *Um herege...*, cit., p. 111.

¹⁸⁶ *Apud* P. F. GOMES, *Um herege...*, cit., p. 111.

¹⁸⁷ THEVET, André, *As singularidades da França Antártica*, Belo Horizonte, Itatiaia, 1978, p. 121. Fernão Cardim afirmou que «este gentio não tem conhecimento algum de seu Criador, nem de coisa do céu, nem se há pena, nem glória depois desta vida, (...) mas sabem que têm alma e que esta não morre e depois da morte vão a uns campos onde há muitas figueiras ao longo de um formoso rio», CARDIM, Fernão, *Tratados da terra e gente do Brasil*, Belo Horizonte, Itatiaia, 1980, p. 87.

materializado na forma de um jardim de delícias, como a crença no dilúvio universal e na rota circular do rio do paraíso ¹⁸⁸. É muito provável, que as lendas indígenas não fossem exatamente estas, mas foi buscando semelhanças e analisando-as a partir dos signos já existentes em sua cultura que os europeus puderam compreender e reproduzir o imaginário dessas populações, compondo um jogo de espelhos de imagens distorcidas ¹⁸⁹. Exemplo de um mesmo tipo de construção mental pode ser encontrado no processo de redação por parte dos jesuítas de gramáticas da língua tupi-guarani. Na gramática do Padre Luiz Figueira, a segunda escrita no Brasil, vários termos foram traduzidos utilizando-se conceitos inexistentes na cultura indígena, e sim auto-referenciados na cultura européia, sem os quais não era possível ensinar o culto a Deus, a religião católica e os costumes de além-mar. Desta forma eram os jesuítas e os colonos que imprimiam novos signos à língua e, por conseguinte à cultura indígena. Como exemplo, o padre registrou no livro que *açaucub* significava amor; *inhemombëúu* – ele se confessa, *abará* – padre, e *Aimöté Tupã* – honro a Deus ¹⁹⁰.

Ao falar do Rio São Francisco, Rodrigues Abreu repetiu outra lenda creditada aos indígenas, já presente nos relatos sobre o Brasil de Pero de Magalhães Gândavo, em 1576 ¹⁹¹, e Gabriel Soares de Sousa, em 1587 ¹⁹². Contou que «dizem ter um sumidouro, em que se embebe aquele mar de água e a bastante distância vai surgir outra vez rio», afirmou também que seu curso percorria, em extenso trecho, uma rota circular ¹⁹³. Mais uma vez abando-nou o discurso dos sábios, para retratar outra imagem, presente na tradição mitológica da terra brasileira, para a qual não possuía nenhuma evidência empírica. O Padre Simão de Vasconcelos, jesuíta que viveu no Brasil no século XVII, descreveu este mesmo sumidouro, como «uma notável

¹⁸⁸ Outra semelhança, mas não reproduzida por Rodrigues Abreu, foi a crença na presença de um profeta ou caraíba que lhes ensinou a plantar a mandioca e a fazer o fogo. Os jesuítas acreditaram ter sido este visitante São Tomé, que os indígenas chamavam Tumé, tendo deixado as marcas de seus pés gravadas em pedras e rochas. A. THEVET, *As singularidades...*, cit., pp. 90, 99; HOLANDA, Sérgio B., «Um mito luso-brasileiro», in *Visão do Paraíso*, pp. 108-129; A. ROMEIRO, *Um visionário...*, cit., pp. 105-106.

¹⁸⁹ Ao analisar o encontro da cultura européia e indígena, Tzvetan Todorov fala da quase impossibilidade do diálogo, ou do monólogo auto-referente dos europeus. Sobre Colombo afirma que ele «não compreende os índios melhor agora: na verdade nunca sai de se mesmo», TODOROV, Tzvetan, *A conquista da América: a questão do outro*, São Paulo, Martins Fontes, 1983, p. 39.

¹⁹⁰ FIGUEIRA, Luiz, *Arte de grammatica da língua mais usada na costa do Brasil*, s.l., M. Platzman, 1874, pp. 12, 14, 17.

¹⁹¹ Referindo-se à cachoeira de Paulo Afonso, citada por Rodrigues Abreu, Gândavo disse que «acima desta cachoeira se mete o mesmo rio debaixo da terra, e vem sair uma légua daí», GÂNDAVO, Pero de Magalhães, *História da Província de Santa Cruz*, Belo Horizonte, Itatiaia, 1980, p. 84.

¹⁹² P. F. GOMES, *Um herege...*, cit., p. 112.

¹⁹³ J. R. ABREU, *Historiologia...*, cit., T. 2, p. 519.

invenção com que saiu a natureza, porque vai sorvendo todo este rio com suas grandes águas pelas cavernas de uma furna medonha, subterrânea, aonde se escondem de maneira que não se vê mais rastro delas, senão quando, depois de passadas doze léguas, é visto tornar a rebentar com o mesmo brio e poder de águas. Fábula foi que o Rio Alpheo se introduzisse por debaixo da terra em busca da fonte Arethusa. O que ali foi fábula, aqui é pura realidade da natureza e monstruosidade maior»¹⁹⁴. Ora, esta crença derivava não só da mitologia indígena, mas também da antiguidade. A mesma imagem de um rio com uma rota circular e um sumidouro era associada na escatologia européia à existência do paraíso terrestre. Pierre d'Ailly descreveu os cursos do Nilo ou Gion, depois de deixarem o Éden, como circular e subterrâneo desde o Oceano Índico, até reaparecerem sob os montes da lua¹⁹⁵. A edição de *A Geografia* de Ptolomeu, de 1482, preparada por Donnus Nicolaus Germanus, teve ampla circulação e era acompanhada de vários mapas. O planisfério e as cartas da África apresentavam rotas circulares do Rio Nilo em vários trechos, desaparecendo por fim sob as Montanhas da Lua¹⁹⁶.

Sua defesa de que a terra era antediluviana não era apenas resultante do seu olhar de naturalista, mas por trás desta observação podemos trilhar também os ecos de lendas indígenas perpetuadas pelos cronistas e jesuítas que escreveram sobre o Brasil no século XVIII. O livro de André Thevet, uma de suas leituras citadas na *Historiologia Médica*, descreve que também os índios brasileiros se apegavam firmemente na crença que «um dilúvio que eles dizem ter ocorrido em priscas eras», quando «as águas subiram tanto que chegaram a cobrir até mesmo as montanhas mais altas dessa terra, fazendo com que todas as pessoas pudessem afogadas»¹⁹⁷. Simão de Vasconcelos relatou uma variação deste mesmo mito. Para ele os índios «se salvaram subindo numa palmeira (...), que dava um fruto à moda de cocos e ficaram nela todo o tempo comendo a fruta e ao fim desceram e povoaram a terra»¹⁹⁸.

As observações sobre a temperança do clima e dos ares, a fertilidade da terra, a diversidade e abundância da flora e da fauna e a prodigalidade das riquezas também aparecem nas descrições dos primeiros cronistas do descobrimento do Brasil. A carta, que o escrivão Pero Vaz de Caminha dirigiu ao Rei anunciando a descoberta das novas terras, prenunciava que «a terra em

¹⁹⁴ VASCONCELOS, Simão de, *Chronica da Companhia de Jesu do Estado do Brasil e do que obrarão seus filhos nesta parte do Novo Mundo*, Lisboa, Oficina de Henrique Valente de Oliveira, 1663, T. 1, p. 31. Agradeço à Guita e José Mindlin a generosidade de terem me permitido a consulta deste livro e outros citados neste artigo em sua formidável biblioteca.

¹⁹⁵ S. B. HOLANDA, *Visão...*, cit., p. 8; P. F. GOMES, *Um herege...*, cit., pp. 112-113.

¹⁹⁶ PTOLOMY, Claudius, *The Geography*, Nova Iorque, Dover Publications, 1991.

¹⁹⁷ A. THEVET, *As singularidades...*, cit., p. 172.

¹⁹⁸ S. de VASCONCELOS, *Chronica...*, cit., pp. 48-49. O padre afirmou que também os índios de Quito tinham a mesma crença.

si é de muito bons ares, assim frios e temperados. (...) Águas são muitas; infindas. E em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo, por bem das águas que tem»¹⁹⁹.

Os jesuítas foram os primeiros a imortalizar a idéia do Brasil como um lugar de bem-aventuranças. Manoel da Nóbrega descreveu uma terra sempre verde, onde as frutas eram saborosas, os mares e rios piscosos, que testemunhavam «a grandeza, a beleza e a sabedoria de Deus»²⁰⁰. O padre Rui Pereira, que morou na Bahia, escreveu em 1560, que «se há um paraíso na terra, eu diria que ele está no Brasil»²⁰¹. Da mesma forma, os viajantes que percorreram as costas brasileiras na época tiveram impressões semelhantes, fossem eles católicos ou não. O pastor protestante, Jean de Lery, que esteve no Rio de Janeiro durante a invasão francesa, extasiou-se com o verde da vegetação, que durava o ano inteiro; com a saúde dos índios, que pareciam beber na fonte da juventude; com o vigor da terra, que apressava o amadurecimento dos gêneros europeus, como o trigo e o centeio; com as cores e os tipos de aves; com os rios de infinitos peixes; com a diversidade das árvores, algumas notáveis como o pau-brasil; e com a utilidade das plantas e ervas medicinais. Mas o que lhe pareceu a «maior maravilha» da terra foi um papagaio ensinado que «dir-se-ia que essa ave entendia o que lhe falava a sua dona». Encantado, exclamou que, «quando a imagem desse novo mundo, que Deus me permitiu ver, se apresenta aos meus olhos (...), logo me acode a exclamação do profeta no salmo 104: Senhor Deus, como tuas obras são maravilhosas em todo o universo! Como tudo fizeste com grande sabedoria! Em suma, a terra está cheia de tua magnificência»²⁰².

Em 1663, o Padre Simão de Vasconcelos escreveu suas impressões sobre o Brasil, sua «crônica de um novo mundo», e concluiu que «ali plantara Deus nosso Senhor o paraíso terreal»²⁰³. Reunira informações de fontes variadas, principalmente as opiniões de capitães, cosmógrafos, índios versados no sertão e moradores de São Paulo²⁰⁴. Para ele, «o ser do Brasil nos mostra justamente a perfeição das propriedades dele, e estas são tais que parecerão incríveis aos que as não viram». Para comprovar a bondade da nova terra enumerou os quatro principais requisitos colocados pelos filósofos para indicar a presença do paraíso e os pôs a prova no Brasil. «A primeira é que se vista de verde: a saber de erva, pastos e árvores de vários gêneros. A segunda: que goze de bom clima, de boas influências do céu, do sol, da lua, e estrelas. Terceira: que sejam suas águas abundantes de peixes e seus ares

¹⁹⁹ CAMINHA, Pero Vaz de, *Carta a El Rei D. Manuel sobre o achamento do Brasil*, Lisboa, Publicações Europa-América, 1987, p. 97.

²⁰⁰ GOODYEAR JR, James, *Agents of Empire*, pp. 38-39.

²⁰¹ *Idem*, p. 40.

²⁰² LÉRY, Jean de, *Viagem à terra do Brasil*, Belo Horizonte, Itatiaia, 1980, pp. 78, 112, 128, 153, 162, 167, 168, 178, 151, 181.

²⁰³ S. de VASCONCELOS, *Chronica...*, cit., T. 1, pp. 1, 24.

²⁰⁴ *Idem*, T. 1, pp. 17, 21, 24.

abundantes de aves. Quarta: que produza todos os gêneros de animais e bestas da terra.»²⁰⁵

Rodrigues Abreu encontrou nas Minas, os mesmos elementos enumerados por Simão de Vasconcelos como indicativos de que a terra brasileira era boa e «poderíamos fazer a comparação, ou semelhança de alguma parte sua, com aquele paraíso da terra, em que Deus Nosso Senhor, como em jardim, pôs a nosso primeiro pai»²⁰⁶. Os elementos descritos pelo médico reproduzem quase literalmente os mesmos argumentos de Simão de Vasconcelos, como se o livro deste constituísse um roteiro identificador dos elementos necessários para amalgamar o paraíso ao novo mundo.

Para o padre, era «a terra do Brasil por excelência sempre verde, (...) parece estar sempre em uma eterna primavera», e a diversidade da natureza e das árvores «convida as almas a louvar o Autor da natureza, porque sem dúvida excede nesta formosura todas as outras partes da orbe»²⁰⁷. O médico descreveu que as Minas, «contêm infinitos paus, que podem dar toda a qualidade da mais preciosa madeira, (...) o mato sobre espesso, é sumamente alto, virgem. (...) A terra é fértil, abundante»²⁰⁸.

O primeiro concluiu que «é esta região, sobretudo, amena, o temperamento do clima fecundo e saudável. (...) Goza o Brasil de ares boníssimos»²⁰⁹. Estes ares eram tão puros, conjugados à benevolência dos astros, que com isto, «o homem viverá para sempre, e sempre com saúde e gozo. (...) que se pode dizer com razão que bebemos espíritos vitais»²¹⁰. O segundo disse que nas Minas «são seus ares benignos e salutíferos e (...) por conjugação de um astro benévolo, em vez de multiplicarem-se destruição nos indivíduos, se experimenta multiplicarem-se as espécies com repetidos engendros»²¹¹.

Quanto às águas, Simão de Vasconcelos afirmou que «temos dito, que são das melhores, mais puras e mais cristalinas do mundo, tanto salgadas quanto doces». Sobre o Rio da Prata, contou que «certificam-lhes todos os que bebiam delas andavam isentos de humores nocivos e suas vozes e claras»²¹². Apesar de Rodrigues Abreu não ter experimentado prodígios ao provar as águas do Rio Amazonas, deslocando para suas águas este mito, garantiu que, nas Minas, «tomam nome muitos avultados rios, as águas são cristalinas e frias, servem de delicioso regalo aos fatigados passageiros»²¹³.

A presença significativa e a diversidade de animais e aves foram exaltadas pelos dois. O Padre Simão de Vasconcelos descreveu a «diversidade dos

²⁰⁵ *Idem*, T. 1, p. 144.

²⁰⁶ *Idem*, T. 1, p. 178.

²⁰⁷ *Idem*, T. 1, pp. 146, 148 e 158.

²⁰⁸ J. R. ABREU, *Historiologia...*, cit., T. 2, pp. 517, 519.

²⁰⁹ S. de VASCONCELOS, *Chronica...*, cit., T. 1, pp. 164-165.

²¹⁰ *Idem*, T. 1, pp. 165, 167 e 169.

²¹¹ J. R. ABREU, *Historiologia...*, cit., T. 2, p. 515.

²¹² S. de VASCONCELOS, *Chronica...*, cit., T. 1, pp. 171 e 27.

²¹³ J. R. ABREU, *Historiologia...*, cit., T. 2, pp. 516-517.

viventes, assim na águas, como na terra»²¹⁴, a profusão de peixes, pássaros, animais e insetos encontrados no Brasil. Apontou vários deles como a baleia, o peixe-boi, a tartaruga, a preguiça, o porco, o sarigüê (uma espécie de gambá), a anta, os veados, e a profusão de borboletas²¹⁵. Nas Minas, Rodrigues Abreu encontrou onças, algumas malhadas de branco e preto, outras somente pretas; veados pretos e brancos; jibóias descomunais; e contou que nos rios não faltavam peixes de diversas espécies²¹⁶.

Os primeiros viajantes e cronistas da América descreveram uma terra quase perfeita, contrariando o ensinamento herdado da antiguidade de que as regiões tórridas eram inabitadas. Para muitos deles, no Brasil, a conjunção benéfica do clima e dos ares gerava a beleza dos corpos, e proporcionava o equilíbrio dos quatro humores com as quatro qualidades do clima²¹⁷, fazendo «com que o homem viverá [ali] para sempre, e sempre com saúde e gosto, senão o impedira a amargura do pecado»²¹⁸. A temperança e a pureza dos ares traziam a saúde dos habitantes dos trópicos, e eles atestaram a quase inexistência de doenças entre os silvícolas. Thevet argumentou que eram «saudáveis e temperados os ares da América, o que se pode constatar pelas frutas que esta terra produz com o auxílio deste mesmo ar»²¹⁹. Com exceção da sífilis, atribuída pelo autor não à conjunção dos ares, mas «ao excesso dos contatos carnavais entre homens e mulheres», a terra estava imune a certas doenças que proliferavam na Europa, como «lepra, paralisia, úlceras e outros males externos e superficiais» e os índios eram «sadios e bem dispostos, caminhando com a cabeça erguida»²²⁰. Pero de Magalhães Gândavo, que esteve no Brasil na década de 1570, afirmou que «é esta terra mui salutífera [sic] e de bons ares, onde as pessoas se acham bem dispostas e vivem muitos anos, principalmente os velhos têm melhor disposição e parecem tornam a renovar»²²¹. Simão de Vasconcelos assegurou que sendo o decaimento consequência da impureza dos ares, ele era inevitável aos homens, a não ser quando estivessem no paraíso. Porém, no paraíso terrestre, estas impurezas seriam mínimas e, em consequência, menor seria a destruição dos corpos, o que efetivamente se verificava no Brasil, comprovando mais uma vez sua natureza paradisíaca²²².

²¹⁴ S. de VASCONCELOS, *Chronica...*, cit., T. 1, p. 178.

²¹⁵ *Idem*, T. 1, pp. 172-177.

²¹⁶ J. R. ABREU, *Historiologia...*, cit., T. 2, p. 520.

²¹⁷ A relação entre o clima e as doenças, entre o equilíbrio dos ares e dos quatro humores que caracterizavam os corpos, era dominante na medicação galênica. Ver J. GOODYEAR JR, *Agents...*, cit., pp. 33-155.

²¹⁸ S. de VASCONCELOS, *Chronica...*, cit., T. 1, p. 165.

²¹⁹ A. THEVET, *As singularidades...*, cit., p. 147.

²²⁰ *Idem*, pp. 147, 149.

²²¹ GÂNDAVO, Pero de Magalhães, *Tratado da Terra do Brasil*, Belo Horizonte, Itatiaia, 1980, pp. 45-46.

²²² S. de VASCONCELOS, *Chronica...*, cit., T. 1, p. 165.

Rodrigues Abreu atestou esta mesma crença. Descreveu as inúmeras doenças que se espalhavam pelos quatro continentes: o bócio nos Alpes, as febres malignas e podres na França, o morbo gálico na Itália, o escorbuto nos Holanda, as oftalmias e pneumonias na Dinamarca, Suécia e Noruega, as febres palustres na Alemanha, as disenterias na Grécia, as pestes em Constantinopla, a Melancolia Hipocondríaca em Portugal e Espanha, o Beribéri na Ásia, as bexigas no Ceilão, os achaques dos olhos no Japão, os cálculos renais na Pérsia, e o mal de Luanda na África ²²³. Aos olhos do cirurgião, o mundo que se descortinava ao leitor entre as páginas de seu livro era um mundo doente. Em contraste com este rosário de achaques, «na América, nesta parte do mundo, não são muitos os morbos [i.e. doenças] endêmicos» ²²⁴. Para confirmar sua assertiva citou o livro do Baron de Lahontan, *Nouveau Voyages dans l'Amerique Septentrionale*, uma de suas leituras. O Barão contara coisas notáveis sobre a terra, entre elas que «tem seus habitantes [sic] os corpos compactos e são sujeitos a poucas doenças» ²²⁵. Lahontan foi um dos soldados engajados nas tropas francesas que estiveram na Nova França, em 1683, para lutar contra os iroqueses. Seu livro teve uma enorme repercussão na Europa e contém, apesar das imprecisões, uma das primeiras descrições dos Grandes Lagos e do rio Mississípi ²²⁶.

Na descrição de Rodrigues Abreu, no Brasil, as poucas doenças conhecidas ficavam restritas aos indígenas, aos paulistas e às populações da costa, mas em geral «não se lhe observa alguma revolução nos membros, não há dores de pedra, ou hydropsia [sic]». Os paulistas eram acometidos pelo bócio e pelas bexigas; os que andavam a pé pegavam os bichos de pé, ou *tunga*, como lhes chamavam os índios; e os habitantes do litoral sofriam de resfriados, lombrigas e do *mal do Bicho*, ou Corrupção, que era uma doença que atacava o reto ²²⁷.

Já as Minas eram para ele isentas de quase todos os males, a não ser as pequenas inflamações das vias superiores como garganta, olhos e narizes, causadas por resfriados, devido ao clima úmido ²²⁸. Em contraste a esta visão de uma terra sem males, o cirurgião-barbeiro Luís Gomes Ferreira descreveu em doze extensos tratados uma infinidade de doenças que ali grassavam ²²⁹. A conjunção de ares que, para o primeiro, era benéfica, revelava-se o oposto para o segundo, experimentado cirurgião acostumado às lides da terra e que do amplo conhecimento das doenças e de suas curas dependia seu ganha-

²²³ J. R. ABREU, *Historiologia...*, cit., T. 1, pp. 585-603.

²²⁴ *Idem*, T. 1, p. 597.

²²⁵ *Idem*, T. 1, p. 597.

²²⁶ LAHONTAN, Louis Armand, *Voyages du Baron de Lahontan dans l'Amerique septentrionale, qui contiennent une relation des differens peuples que y habitent*, Amsterdão, Chez F. L'Honore, 1728.

²²⁷ J. R. ABREU, *Historiologia...*, cit., T. 1, pp. 597-598.

²²⁸ *Idem*, T. 1, p. 598.

²²⁹ L. G. FERREIRA, *Erário...*, cit.

-pão. O clima diferente e único da Capitania, frio e úmido, era para Gomes Ferreira a causa de quase todos os seus males causados pelo desequilíbrio dos humores ²³⁰.

Luís Gomes Ferreira não se fartou em relatar os achaques dos negros, sua reduzida alimentação, seus costumes, suas habitações, suas severas condições de trabalho, pois eram estes seus principais clientes, enviados por seus senhores, já que seus honorários eram muito menores do que os dos médicos ²³¹. Em contraste, Rodrigues Abreu descreve os contornos de uma terra paradisíaca, que se desvenda mais pelo que esconde do curioso leitor do que pelo que revela sobre a região nas páginas do seu livro. Rodrigues Abreu desvia o olhar de quem lê seus escritos para longe da massa de escravos e escravas que habitava a região, ocupada nas lides da mineração, espalhada pelas vielas e esquinas dos arraiais em diversos afazeres, compondo parte significativa dos regimentos que patrulhavam a área e que, por trás das janelas, partilhava o leito de seus senhores. Refere-se a eles uma única vez, em breve passagem, ao contar do costume dos senhores de usar um escravo de confiança para com tesoura ou alfinete ir tirando seus bichos de pé ²³². Mas mesmo esta descrição sugere ao leitor um ambiente idílico, de cumplicidade e de afeto entre os cativos e seus proprietários, pois a presença dos primeiros era uma mancha a ser escondida, já que imprimiam contornos demoníacos ²³³.

A presença dos escravos era nefasta não só porque maculava a terra, mas também não tinha razão de ser pois não fazia parte de nenhuma construção mitológica do éden. O mesmo não se pode dizer em relação à serpente, um animal que, ao mesmo tempo, revelava e pervertia o significado do paraíso. Nada mais natural, pois, que Rodrigues Abreu procurasse a presença destes seres maravilhosos na região, mas não cobras ordinárias, que podiam ser encontradas em qualquer lugar: nada mais simbólico que o paraíso mineiro fosse habitado por uma cobra gigantesca, cercada de mitos. Descreveu então que, como era voz corrente, a terra era povoada por jibóias, já que havia *visto* a pele de uma no palácio do governador em Minas Gerais ²³⁴.

As descrições sobre as jibóias remontam os primeiros cronistas do descobrimento e, na época, circulavam vários mitos sobre elas apreendidos a

²³⁰ *Idem*, p. 229.

²³¹ «Neste pequeno volume se insinuam vários remédios para socorrer as doenças que mais comumente sucedem nestas Minas, assim a pretos, como a brancos. (...) Os pretos, porque uns habitam dentro da água, como são os mineiros nas partes baixas da terra e veios dela, outros feito topeiras, minerando por baixo da terra». L. G. FERREIRA, *Erário...*, cit., v. 1, pp. 225, 229.

²³² J. R. ABREU, *Historiologia...*, cit., T. 1, p. 599.

²³³ «A terceira face da percepção européia do homem americano como humanidade inviável foi a demonização. (...) Escravidão era, pois, o inferno necessário da metrópole na colônia», SOUZA, Laura de Mello, «O novo mundo entre Deus e o Diabo», in *O diabo e a terra de Santa Cruz*, pp. 67-72, 80.

²³⁴ J. R. ABREU, *Historiologia...*, cit., T. 2, p. 520.

partir dos índios. Gândavo conta que «afirmam que tem esta cobra tal qualidade que depois de o [veado] ter comido arrebenta pela barriga e apodrece com a cabeça e a ponta do rabo sãos; e tanto que desta maneira fica, torna pouco a pouco a criar carne nova, até que se cobre outra vez da mesma carne tão perfeitamente como dantes; isto experimentaram muitos índios e moradores da terra»²³⁵. O padre Simão de Vasconcelos descreveu que depois da Serra do Mar, que corre perpendicular às costas brasileiras, no interior de rios e de lagoas, havia uma cobra monstruosa, «a que chamam jibóias, que chegam algumas a ter 25 pés de comprimento, engolem um veado inteiro, não mastigando, mas moendo-lhe os ossos»²³⁶. O mito da ressurreição da jibóia contado por Gândavo foi repetido pelo jesuíta, para quem «não é fábula, mas monstruosidades da natureza (...), quando acerta este animal de engolir outro, (...) busca lugar escuro e ali se enrola (...), e pouco a pouco vai descarnando-se até ficar nos ossos somente (...), e da pobre matéria, torna talvez a renascer, encarnar e encourar»²³⁷. Este renascimento da jibóia lembraria a fênix, mito que o velho mundo situara nos confins da Ásia, e que reunia um «riquíssimo repertório de símbolos»²³⁸. Na sua descrição sobre esta cobra Rodrigues Abreu fundiu o relato do maravilhoso, mas submetido ao frio olhar do naturalista. Revelou que conhecia as histórias fantásticas que cercavam a jibóia, confirmou sua presença nas Minas, mas foi cauteloso em não garantir a forma como ela se reproduzia já que não pudera comprovar empiricamente o mito de seu renascimento.

5. Repetidas linhas que se cruzam no teatro do mundo

O paraíso de Rodrigues Abreu tinha sua existência concreta nas Minas Gerais. Dotada de figura corpórea, a região se configurava por meio de uma cartografia imaginária, construída pelo autor, a qual espelhou um processo de desconexão com a geografia real, e fez implodir os limites que ele mesmo traçara entre o real e o mitológico, entre o visto e o imaginado. O sertão das Minas tornou-se o centro desta «corpórea figura americana de muitas províncias», em cujo centro nascia o «notável Lago Dourado, ou Xarais (como lhe chamam os naturais), que como coração deste corpo, situado quase

²³⁵ P. M. GÂNDAVO, *Tratado...*, cit., p. 60. Fernão de Cardim descreve a variedade das cobras, seus hábitos, as com peçonha e as que esmagam suas presas, como a jibóia, mas não se refere a este mito da ressurreição destes animais. F. CARDIM, *Tratados...*, cit., pp. 29-31.

²³⁶ VASCONCELOS, Simão de, *Vida do padre João d'Almeida da Companhia de Jesus na Província do Brasil*, Lisboa, Officina Creibeeckiana, 1658, p. 110.

²³⁷ *Idem*, 112. A ressurreição da jibóia para o Padre Almeida não tinha correlação com a ressurreição de Cristo. Para ele isto ocorria «porque é animal imperfeito e sua alma material e divisível fica-lhe em parte naquele espinhaço, relíquia dos espíritos vitais escondidos, com os quais da pobre matéria torna talvez a renascer».

²³⁸ S. B. HOLANDA, *Visão...*, cit., p. 217.

no centro dele, reparte os senhorios com dois braços, ou dois rios, servindo-lhe de barreira pela parte do Norte, o das Amazonas; e pela do Sul, o da Prata»²³⁹.

As Minas Gerais ocupavam para ele o centro pulsante da América encerrada em três círculos concêntricos, cujos limites eram estabelecidos pelos rios e serras que a envolviam, abraçavam e protegiam. Este fechamento do espaço mineiro aproximava-o ainda mais das referências mitológicas do paraíso. Desde o período medieval, o éden, ora situado em terra firme, ora numa ilha, estava sempre cercado por «por barreiras naturais, água e fogo; montanhas intransponíveis; animais perigosos»²⁴⁰.

O primeiro círculo interno era conformado pela junção dos dois rios São Francisco, Rio Doce, Rio das Velhas e Rio Paraíba, que isolavam a região do restante da América portuguesa. O segundo círculo era constituído por um cordão de serras que também defendia a região e dificultava o acesso de quem quisesse atingi-la. O anel mais externo era dado pelo encontro do Rio Amazonas e do Rio da Prata, os quais separavam as terras de Portugal das de Espanha e, despejando suas águas no Oceano Atlântico, conformariam a entidade Brasil como uma ilha. Na junção destes dois rios, ocupando um espaço central, nos confins do Peru, o Lago Dourado ou Xarais era como que um coração, fonte da vida, em cuja proximidade se encontravam tantas riquezas.

Este lago dividia Minas Gerais do Peru, onde os espanhóis tinham encontrado os metais preciosos e, desta forma, as fontes de riqueza metálica da América ficavam dispostas lado a lado. Nasceram desse lago interior, espalhando-se para o norte e para o sul, o Rio Amazonas e o Rio da Prata, que dividiam as possessões portuguesas das espanholas, tanto ao norte quanto ao sul. As Minas tornavam-se a própria América Portuguesa, e constituía-se assim, paradoxalmente, como seu centro e seus limites externos.

A conformação desta entidade geográfica tão distante da realidade foi também resultado da bricolagem de sua experiência pessoal a uma série de imagens superpostas oriundas das mesmas fontes que informavam sobre a natureza paradisíaca do Brasil quais sejam: as tradições da antiguidade, as informações dos índios e colonos, os cronistas do nordeste do Brasil flamengo e os relatos de viagem à América nos séculos XVI e XVII, especialmente de viajantes espanhóis e estrangeiros.

Esta imagem geográfica não era totalmente nova; pois a parte externa do círculo hidrográfico de Rodrigues Abreu fazia parte da cartografia vigente em Portugal nos séculos XVI e XVII, quando se começou a tentar representar o interior do Brasil, ainda quase totalmente virgem e desconhecido. Vários

²³⁹ J. R. ABREU, *Historiologia...*, cit., T. 2, pp. 523-524.

²⁴⁰ ASSUNÇÃO, Paulo de, *A terra dos brasis: a natureza da América portuguesa vista pelos primeiros jesuítas (1549-1596)*, São Paulo, Anna Blume, 2000, p. 35; S. B. HOLANDA, *Visão...*, cit., pp. 15-34, 185-246.

mapas dessa época representaram a América do Sul a partir desta figura. Destacaram-se o *Planisfério* de André Homem, de 1559; o *Teatro Mundi*, anônimo, de cerca de 1600; e a *Carta Atlântica*, atribuída a João Teixeira Albernaz I, desenhada por volta de 1640. A carta de Albernaz foi a última representação cartográfica portuguesa conhecida onde ainda figurava o mito da Ilha Brasil. Desta tradição portuguesa, esta configuração espacial se espalhou para a cartografia flamenga, italiana, alemã, inglesa e outras. Vários mapas estrangeiros continuaram a representar as bacias comunicantes dos rios da Prata e Amazonas, ligadas por um lago interior, mesmo após o abandono desta imagem pelos portugueses. São exemplos o *South and Central América Map* (1596), de Arnold Florentin van Langren, o *Planisfério* (1630) de Johannes Kepler e o *New Map of the world* (1686), de Robert Greene.

A idéia do Brasil como uma ilha, separado do restante da América por um cordão formado pela comunicação dos rios da Prata e Amazonas a partir de um lago, não possui nenhuma correspondência com a realidade. Estes rios têm suas nascentes e seus cursos distantes entre si, são desconectados espacialmente, e percorrem trechos muito distantes das Minas Gerais, um no extremo sul e o outro no extremo norte do Brasil. Uma das razões para esta interpretação equivocada desta hidrografia foi a necessidade de encontrar limites naturais entre as possessões portuguesas e espanholas. Sérgio Buarque de Holanda identificou nesse interesse da Coroa portuguesa em encontrar esta fronteira natural a razão do nascimento do «Mito da Ilha Brasil: a idéia de que o Brasil seria uma ilha definida pelo Oceano e pelos sistemas hidrográficos comunicantes do Rio Amazonas e do Rio da Prata»²⁴¹. Isto fez com que se encampasse a lenda tupi de um lago interior de onde partiam dois grandes rios, fronteiras naturais do Brasil. Esta imagem foi inicialmente confirmada pelos primeiros viajantes espanhóis que penetraram as bacias do Rio da Prata e do Rio Paraguai, onde lhes pareceu que havia um grande lago interior. Rodrigues Abreu também acreditava nesta utilidade da hidrografia local e informou que algumas vezes os paulistas quando saíam em suas expedições de aprisionamento do gentio, cruzavam estes rios e penetravam nas terras da Espanha²⁴².

Jaime Cortesão encontrou outra explicação para a criação e a persistência desta imagem²⁴³. Para ele, não era uma construção fantástica da geografia brasileira, mas derivava de um mal-entendido – o Lago Dourado era na verdade o Pantanal. Durante a estação das chuvas, o Rio Paraguai saía de seu leito e provocava uma enorme cheia das terras baixas situadas no interior do Brasil, o que pareceu um enorme lago aos índios e aos primeiros

²⁴¹ MARQUES, Alfredo Pinheiro, *A cartografia dos descobrimentos*, Lisboa, Elo, 1994, p. 65; CORTESÃO, Jaime, *História do Brasil nos velhos mapas*, Rio de Janeiro, Instituto Rio Branco, 1965/1971, 2 vols.

²⁴² J. R. ABREU, *Historiologia...*, cit., T. 2, p. 518.

²⁴³ J. CORTESÃO, *História do Brasil...*, cit., 2 vols.

viajantes estrangeiros que ali chegaram. Como vários deles, a partir da bacia do Paraguai, chegaram à região do Peru e mais ao norte ao Rio Amazonas, que segundo as informações dos índios não se encontravam distantes, este mal-entendido foi perpetuado na cartografia que fundiu os rios Paraguai e da Prata e criou este Lago Dourado comunicando as bacias hidrográficas do sul e as do norte do Brasil ²⁴⁴. Para ele, esta imagem não estava relacionada apenas a interesses políticos, o que poderia ser comprovado pela difusão desta imagem entre alemães, italianos e holandeses que fizeram representações cartográficas semelhantes sem que tivessem interesses desta natureza em relação ao Brasil ²⁴⁵.

Maria de Fátima Costa salientou que a tradição oriunda dos viajantes espanhóis que penetraram pela bacia sul conformou uma construção paradisíaca da região, que se apresentou na forma de um grande lago interior. Para ela, esta imagem foi perpetuada pelos relatos de vários cronistas de tradição espanhola que por ali viajaram, como Ulrico Schmidl (1535) ²⁴⁶, Alvar Núñez Cabeza de Vaca (1543) ²⁴⁷, e Ruy Dias de Guzmán (1583) ²⁴⁸. Tratava-se, como para Cortesão, de uma dificuldade de compreensão das peculiaridades da natureza local com sua natureza lacustre e fugidia, pois foi sempre para estes homens um lugar de passagem ²⁴⁹.

Por outro lado, a autora afirma que entre os portugueses configurou-se, a partir do século XVIII, uma noção mais realista da natureza, pois, capazes de apreender esta «sazonalidade imposta pelo ritmo das águas», descreveram a região como um grande Pantanal ²⁵⁰. Os bandeirantes paulistas foram os responsáveis pela consolidação da imagem pantaneira em oposição ao mito da ilha Brasil e da Lagoa Dourada. Nos seus primeiros relatos, descreveram as entradas realizadas através da bacia do rio Tietê, a partir de onde alcançaram o Rio Paraguai e seus afluentes ²⁵¹. Por esta rede de rios, que souberam utilizar tão sabiamente, ultrapassaram o Tratado de Torde-

²⁴⁴ COSTA, Maria de Fátima, *História de um país inexistente: o Pantanal entre os séculos XVI e XVIII*, São Paulo, Estação Liberdade/ Kosmos, 1999.

²⁴⁵ J. CORTESÃO, *História do Brasil...*, cit.; HOLANDA, Sérgio B., *O extremo oeste*, São Paulo, Brasiliense, 1986, pp. 92-93.

²⁴⁶ Ulrico Schmidl era um alemão que viajou para a América do Sul, em 1534, como participante da expedição de Pedro de Mendoza em 1535 e permaneceu na região da bacia do Rio da Prata até 1553. Em 1567, ele publicou um relato de sua viagem. SCHMIDL, Ulrico, *Ander theil dieses weltbuchs von schiffahrten*, Frankfurt Meno, Teodoro de Bry, 1567.

²⁴⁷ Cabeza de Vaca foi o segundo Adelantado na região do Rio da Prata. Ele conduziu uma expedição ao Rio Paraguai em 1543. A publicação do seu relato de viagem se deu em 1555. CABEZA DE VACA, Alvar Núñez, *Naufraios y Comentarios*, Madrid, Anaya y Oronoz, 1992.

²⁴⁸ Guzmán era um crioulo nascido no Paraguai, que também viajou pela área. Seu manuscrito foi finalizado em 1612 mas publicado somente em 1835. GUZMÁN, Ruy Dias de, *La Argentina*, Madrid, Historia 16, 1986.

²⁴⁹ M. F. COSTA, *História...*, cit., p. 63.

²⁵⁰ *Idem*, p. 63, pp. 177-206.

²⁵¹ TAUNAY, Afonso (org.), *Relatos Monçoeiros*, São Paulo, Martins Fontes Editora, 1976.

silhas e, pelo *Caminho das Monções*, colonizaram a região de Goiás e Mato Grosso, onde novos achados metalíferos foram realizados ²⁵².

Várias fontes portuguesas de época reproduziram e consolidaram a imagem do Pantanal como a que melhor representava a característica sazonal das águas da região. Os ecos dessa descoberta encontram-se nos relatos oficiais ²⁵³ e também nas correspondências dos moradores locais que, com menos precisão, informavam sobre as expedições empreendidas pelos paulistas. Em 1725, o comerciante português Francisco da Cruz escrevia a Portugal contando que a viagem era feita «com grande risco de vida, [já que] o caminho para elas são ainda por matos e dizem gastar-se mais de seis meses, segundo dizem os paulistas, e a maior parte do caminho é andar por rios e se não come por eles senão caça brava, como são papagaios, macacos, tucanos e várias castas de animais e, sobre o maior perigo, as muitas onças» ²⁵⁴. Falou das muitas doenças acometidas nas primeiras levadas populacionais que se deslocaram para a região e do elevado número de mortes por muitos acreditarem, (equivocadamente), «estarem místicas com o rio São Francisco» ²⁵⁵.

O curioso no caso da descrição de José Rodrigues Abreu, autor que se esforçava em ser empírico e racional, foi a persistência desta representação geográfica do Brasil como uma ilha, quando ela já se encontrava em desuso, substituída por outra mais realista. Para o fim do mito da Ilha Brasil foi determinante o maior conhecimento concreto da região interior do Brasil, empreendimento levado a cabo pelos bandeirantes e pela ocupação das Minas, Mato Grosso e Goiás, na primeira metade do século XVIII. Paradoxalmente, contrariando as fontes coevas, ele creditou aos «paulistas, práticos daquele sertão» a informação de que seguindo o Rio Grão-Pará ou Amazonas, ficava «dali pouco distante o seu dourado lago de onde procede» ²⁵⁶.

O avanço dos portugueses para além do Tratado de Tordesilhas foi determinante na necessidade de conhecer melhor a geografia do interior e de confeccionar mapas mais precisos para orientar as futuras discussões sobre os limites entre as duas Coroas na América. Entre 1730 e 1735 amplo levantamento cartográfico do sul e sudeste do Brasil foi realizado pelos jesuítas Diogo Soares e Domingos Capassi a serviço de Portugal – os chamados *padres matemáticos* ²⁵⁷. Para realizar essa gigantesca tarefa tomaram as

²⁵² HOLANDA, Sérgio B., *Monções*, São Paulo, Brasiliense, 1990.

²⁵³ «recebi o treslado (*sic*) da jornada do governador que foi para as minas do Cuiabá, que não duvido serão boas as minas, mas não me parece que quem lá foi uma vez, irá segunda», Carta 918, Maço 12, f. 124. *Apud* LISANTI, Luis F., *Negócios coloniais: uma correspondência comercial do século XVIII*, Brasília, Ministério da Fazenda, São Paulo, Visão Editorial, 1973.

²⁵⁴ Carta 161, Maço 29, f. 201. *Apud* L. F. LISANTI, *Negócios...*, cit., v. 1, p. 291.

²⁵⁵ Místicas = próximas. Carta 172, Maço 29, f. 235. *Apud* L. F. LISANTI, *Negócios...*, cit., v. 1, p. 322.

²⁵⁶ J. R. ABREU, *Historiologia...*, cit., T. 2, p. 518.

²⁵⁷ J. CORTESÃO, *História do Brasil...*, cit., v. II, 1971; A. F. ALMEIDA, *A formação...*, cit.; COSTA, Antônio Gilberto *et al.*, *Cartografia das Minas Gerais*, 2002.

medidas necessárias dos locais, como também reuniram «grande cópia de notícias, roteiros e mapas dos melhores sertanistas de São Paulo, Cuiabá, Rio Grande e do Prata»²⁵⁸, não desprezando de forma alguma o conhecimento reunido pelos homens que haviam desbravado os sertões. Entre 1734 e 1735, os padres matemáticos mantiveram uma vasta correspondência com Martinho de Mendonça Pina e Proença, mantendo-se este bem informado das atividades dos dois, que por essa época já tinham realizado com bastante precisão grande parte do levantamento cartográfico da área²⁵⁹. Como já foi dito, Rodrigues Abreu fazia parte do círculo intelectual que se reunia em torno de Martinho de Mendonça Pina, que inclusive fizera a apresentação do seu livro. Quando o segundo tomo da *Historiologia Médica* saiu à luz, em 1739, contendo a descrição das Minas Gerais, a distância cronológica que separava sua passagem pela região da publicação do livro e o contato com o círculo dos *estrangeirados*, do qual Martinho de Mendonça fazia parte, teriam sido suficientes para tornar o conhecimento sobre a geografia da região mais realista.

Parte da explicação para a persistência de uma cartografia imaginária em seu relato pode ser compreendida quando se desvendam as raízes de onde seus pensamentos emergiam ou deixavam de emergir. O conhecimento empírico dos paulistas, que por esta época já começavam a desvendar a intrincada rede de rios do interior do Brasil, foi por ele desprezado, revelando um olhar *emboaba* da realidade, que lhe impediu de absorver a verdadeira conformação geográfica da terra. Sua visão da América foi particularmente moldada pelas suas vivências nas Minas, que posteriormente orientaram os tipos de leituras que fez ou que pelo menos assimilou. O fechamento do espaço mineiro era resultante das difíceis viagens que realizara acompanhando o governador, especialmente a expedição ao Rio de Janeiro para expulsão dos franceses. A malfadada excursão e o contato com os *emboabas* imprimiram-lhe também a necessidade de revisão das noções de centralidade e periferia do império português. Como não podemos ter acesso à sua biblioteca para saber todos os livros que possuía²⁶⁰, parte de suas leituras pode ser reconstituída pelas citações de livros inseridas ao longo das páginas do relato e outra pode ser descoberta a partir do estudo das trilhas de perpetuação e retransmissão de imagens já cristalizadas nos vários relatos sobre a

²⁵⁸ Apud LEITE, Serafim, *História da Companhia de Jesus no Brasil*, São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1938-1950, v. IX, p. 393.

²⁵⁹ J. CORTESÃO, *História do Brasil...*, cit., v. II, p. 208. Para dificultar o acesso dos espanhóis a suas informações cartográficas os padres matemáticos não desenharam as latitudes e usaram o paralelo do Rio de Janeiro para as medições.

²⁶⁰ Mesmo o acesso ao rol de livros contidos em sua biblioteca não responderia com plenitude a esta questão, pois muitos dos livros lidos não eram os possuídos e vice-versa, isto é, nem todos os livros possuídos eram lidos. Os inventários quase nunca contemplam os livros emprestados e as leituras orais coletivas. Há ainda que salientar outro aspecto, já dito anteriormente, que as formas de leitura não são uniformes, mas sim múltiplas.

América nos séculos anteriores e por ele reproduzidas. Os livros se constituíram em importante fonte de inspiração, mas mesmo estes amalgamavam várias impressões, umas vindas da tradição da antiguidade e re-situadas nesse mundo novo, algumas retiradas ou interpretadas a partir da mitologia indígena, e outras instituídas pelos navegantes e colonos. Num processo de bricolagem cultural, Rodrigues Abreu mesclava imagens já existentes, mas recriava-as de forma inovadora, como um verdadeiro *passreur culturel*.

A maior parte dos autores que ele leu constituía-se de navegadores, exploradores, estrangeiros e espanhóis que viajaram pela América no século XVI, seja percorrendo o litoral do Brasil, a bacia do rio da Prata, o Peru e mesmo a América do Norte. Entre os livros havia também referências a tratados médicos, crônicas e histórias do Novo Mundo. Na sua descrição das Minas Gerais, a referência aos relatos de Jeronymo [i.e. Girolamo] Benzoni ²⁶¹ e Francisco de Xerez ²⁶² que deram notícias da conquista do Peru explica-se pela crença, por ele compartilhada, da proximidade das minas peruanas com as do Brasil, pois, segundo suas palavras «compõe-se esta corpórea figura americana de muitas províncias e estados; o do nosso Brasil encosta-se pelo sertão às terras e montanhas do Peru, [e] afirma-se divide estes dois domínios o notável lago dourado, ou xarais (como lhe chamam os naturais)» ²⁶³. Os livros de Benzoni contavam as viagens de Colombo, os costumes dos índios nas ilhas do Golfo do México, especialmente a de Espanhola, e as expedições de Pizarro, «famoso descobridor do Peru», que pedira ao Imperador Carlos V a definição dos limites dessa província ²⁶⁴. Nesta parte, descrevia as riquezas de ouro e prata desta região ²⁶⁵. Francisco Xerez relatava detalhadamente as expedições de Pizarro motivadas pelas descrições dos índios de que em suas vilas nas montanhas explorava-se grande quantidade de ouro ²⁶⁶.

Outros livros citados também compartilhavam da idéia desta proximidade entre as duas regiões. Isso era voz corrente até o início do século XVIII ²⁶⁷,

²⁶¹ Benzoni foi um dos marinheiros embarcados na frota de Cristóvão Colombo, em sua segunda viagem à América. Ele visitou a Florida, várias ilhas do Golfo do México, conhecidas como Ilhas do Peru. BENZONI, Girolamo, *La Historia Del Mondo Novo*, Veneza, Pietro e Francesco Tini, fratelli, 1572; BENZONI, Girolamo, e BRY, Theodor, *Americae pars quarta. Sive insignes e admiranda historia de reperta primum occidentali Índia a Christophoro Colombo ano M.CCCCXCII*, Frankfurt, Ioannis Feyrabend, 1593; BENZONI, Girolamo, *Novae Novi Orbis Historiae, rerum ab hispanis in Índia Occidentali hactenus gestarum e acerbo illorum in eas gentes dominatu*, Genebra, Eustathius Vignon, 1578.

²⁶² Xerez chegou à América na expedição de Pedrarias Dávila. Mais tarde, se juntou a Pizarro na sua primeira viagem ao Peru, em 1530. XÈRÈZ, François, *Voyages, relations et mémoires originaux pour servir à l'histoire de la découverte de l'Amerique*, Paris, Arthur Bertrand, 1836.

²⁶³ J. R. ABREU, *Historiologia...*, cit., T. 2, pp. 523-524.

²⁶⁴ *Idem*, T. 2, p. 524.

²⁶⁵ BENZONI, Girolamo, *La Historia Del Mondo Novo*, pp. 117 e segs.

²⁶⁶ F. XÈRÈZ, *Voyages...*, cit., p. 33.

²⁶⁷ HOLANDA, Sérgio B., «O "outro Peru"», in *Visão do paraíso*, pp. 67-107.

e havia se espelhado na cartografia que, até então, aproximavam o Lago Dourado do Potosi peruano. O francês André Thevet viajou ao Brasil durante a invasão francesa do Rio de Janeiro, percorreu a costa brasileira e narrou suas aventuras num relato que contém das primeiras descrições sobre a terra e os costumes dos índios, marcado pela edenização da terra e dos silvícolas. Como já foi dito, as imagens paradisíacas de Rodrigues Abreu encontram ecos nas descrições de Thevet sobre o Brasil, mas as influências não param aí: Thevet também sustentou a proximidade das bacias do Rio Amazonas e do rio da Prata, no que afirmou ter se baseado nos relatos dos índios. Escreveu que um capitão espanhol decidiu ir das ilhas do Peru (no Golfo do México) ao Rio da Prata caminhando por terra e água. Para atingir seu fim, subiu o Rio Amazonas até a altura do Reino de Morpião ²⁶⁸ e de lá chegou ao Rio da Prata. Sua descrição colocava as minas auríferas do Peru e do Brasil na mesma altura, isto é, paralelas à região de São Paulo e Rio de Janeiro. Contou que as margens deste rio eram repletas de pedras preciosas, porém nada disse sobre o Lago Dourado, ao contrário, afirmou que, segundo os mesmos índios, em certas épocas do ano o rio sofria uma grande enchente ²⁶⁹. A reprodução de algumas imagens e a omissão de outras revela que o médico instruído não absorvia integralmente ou aleatoriamente as informações contidas nos livros, mas suas leituras percorriam caminhos não uniformes, seletivos e tortuosos, definidos pelas impressões que trouxera da sua própria viagem.

Os cronistas espanhóis que exploraram a bacia do Rio da Prata também acreditavam na proximidade entre este rio, o interior da América e as minas do Peru. Para Rodrigues Abreu, a grande fonte de informação destas expedições foi o livro do historiador espanhol Gonzalo Fernandes de Oviedo y Valdés. Este autor, depois de passar um curto espaço de tempo na América, retornou à Espanha onde escreveu alguns livros sobre sua experiência. Sua *História das Índias Ocidentais* foi publicada primeiramente em Sevilha, em 1535, e sua última revisão e versão completa da obra, esta em cinco volumes, saiu em 1548 ²⁷⁰. Entre vários assuntos, no Livro 23, capítulo 1, Oviedo narrou a história da viagem de Juan Díaz Sólis, em 1515. Tratava-se da primeira expedição espanhola que revelou a existência da bacia dos rios da Prata e do Paraguai, descrita pelos índios como próximas ao Peru. No seu relato sobre a jornada de Sebastião Caboto também se referiu à proximidade entre as duas regiões ²⁷¹.

Imagens confusas e bricoladas da hidrografia local continuaram a ser sustentadas durante o século XVIII. O mesmo Henequim, quando de sua volta

²⁶⁸ Refere-se à Capitania de São Vicente, hoje São Paulo.

²⁶⁹ A. THEVET, *As singularidades...*, cit., pp. 180, 207-210.

²⁷⁰ OVIEDO Y VALDÉS, Gonzalo Fernandes de, *Historia General y Natural de Las Indias, islas y tierra-fierme del mar océano*, 5 vols., Madrid, Real Academia Española, 1959.

²⁷¹ M. F. COSTA, *História...*, cit., pp. 34-39.

ao Reino, acabou por se apresentar ao embaixador espanhol propondo revelar o caminho para os diamantes do Serro do Frio, em troca de honras e reconhecimento. Prontificou-se a viajar para Buenos Aires e dali, subindo o Rio da Prata, atingir o Serro do Frio, localizado no nordeste da Capitania ²⁷². Já as novas minas de Cuiabá acreditava-se estavam situadas próximas ao Rio São Francisco ²⁷³.

Na *Historiologia Médica*, Rodrigues Abreu constrói uma rede hidrográfica imaginária que comunicava entre si todos os rios «que destilam das quebradas das serras» ²⁷⁴. «O Tietê, que circunvala (*sic*) a cidade de São Paulo, e mais rios das mais vilas serra acima» ²⁷⁵ desaguiariam no Rio da Prata, explicando por que todos eles corriam para o interior e não para o litoral. Este rio, que «os índios lhe chamam Paraguassú», «soberbo de águas, (...) sumamente caudaloso» seria formado pela junção do Rio Grande e do Rio das Mortes, seguindo sempre pelo sertão em direção sul, recebendo pelo caminho as águas do Picolômio, Paraná, do Negro, do Corcona ²⁷⁶. Sua imagem mesclava a teia de rios utilizada pelos paulistas, a partir do Rio Tietê, e as descrições dos exploradores espanhóis do Rio da Prata. Porém, descolava-se dos relatos dos paulistas, pois estes contavam que tinham que carregar as canoas em longos trechos pois estes rios, apesar de próximos, muitas vezes não se comunicavam entre si.

Para falar de Minas Gerais, Rodrigues Abreu não se limitou a citar os cronistas e viajantes que percorreram a América do Sul. A conformação das minas se confundia com a própria entidade americana e ele se referiu a vários desbravadores da América do Norte, destacando-se o italiano Giovanni Verrazano, o francês Jacobo [i.e. Jacques] Cartier, o espanhol Fernando [i.e. Hernando] de Alarcón e Armand Lahontan. Verrazano era um navegador a serviço do rei da França, sob cuja bandeira viajou à América do Norte em 1524. Forneceu a primeira descrição da baía de New York, do Rio Hudson, de Coney Island, de Newport e de Cape Code. A partir de suas informações, seu irmão Hieronimo desenhou um mapa da área em 1529 ²⁷⁷. Cartier explorou as costas da América do Norte e liderou três expedições ao Canadá em 1534, 1535, e 1541 respectivamente, procurando uma passagem austral para o Pacífico Norte ²⁷⁸. Alarcón também viajou para a região em 1540, explorou a Califórnia, o Rio Colorado e foi o primeiro a estabelecer

²⁷² A. ROMEIRO, *Um visionário...*, cit., p. 25.

²⁷³ Carta 172, Maço 29, f. 235. *Apud* L. F. LISANTI, *Negócios...*, cit., V. 1, p. 322.

²⁷⁴ J. R. ABREU, *Historiologia...*, cit., T. 2, p. 525.

²⁷⁵ *Idem*, T. 2, p. 517.

²⁷⁶ *Idem*, T. 2, p. 517.

²⁷⁷ VERRAZANO, Giovanni da, *The History of the Dauphine and its Voyage*. Translation by E. H. Hall, 1910. A 16th-Century copy of a manuscript is held by the Pierpont Morgan Library, Nova Iorque.

²⁷⁸ CARTIER, Jacques, *Voyages de découverte au Canada entre les années 1534 et 1542, suivis d'une biographie de Jacques Cartier par René Maran*, Paris, Éditions Anthropos, 1968.

com certeza que a parte inferior da Califórnia era uma península e não uma ilha. Quando retornou à Espanha fez um detalhado mapa da Califórnia ²⁷⁹. Armand Lahontan veio para a Nova França como marinheiro, para defender a região dos ataques dos índios iroqueses, e viajou pelo que hoje corresponde ao Wisconsin, Minnesota e alto Mississípi. De volta a Europa, publicou um livro sobre suas viagens que se tornou muito popular ²⁸⁰.

As descrições geográficas destes cronistas foram importantes para que Rodrigues Abreu pudesse estabelecer os limites e conformar sua «entidade americana» como um continente. Também serviu para ressaltar as identidades de suas diferentes porções, pois vários mitos também encontravam ecos na conformação da América do Norte e denotavam que, para ele, a América se constituía como um todo ao possuir uma natureza comum e uniforme. O relato que Giovanni Verrazano enviou ao rei da França descrevia uma região paradisíaca, onde as florestas eram impenetráveis, exalavam um perfume adocicado e, sendo contíguas ao oriente, estavam repletas de ervas com propriedades medicinais e aromáticas, e animais de variadas espécies. A profusão de cores e as montanhas altíssimas eram também indicativas da existência de riquezas minerais, como o ouro. Baseando-se em suas observações, Verrazano, contrariando os ensinamentos de Aristóteles, afirmou que não se tratava de uma extensão da Índia, mas sim de um novo continente, conectado à porção espanhola que se estendia ao sul ²⁸¹.

Outra de suas leituras, o livro do Barão Armand Lahontan, foi responsável pela difusão na Europa de uma série de mitos que criaram uma geográfica fantástica da América do Norte, alguns deles muito próximos às imagens das Minas descrita por Rodrigues Abreu. Lahontan descreveu que, a partir do Rio Mississípi, um outro grande rio – o Rio Longo – faria a ligação entre as costas leste e oeste, atingindo assim o buscado oriente, a partir da comunicação existente através de um grande lago interior onde estaria localizada a sua nascente ²⁸². O compartilhar dessas imagens pelos diferentes cronistas revelam um conjunto de crenças intrínsecas às riquezas minerais e que se deslocavam geograficamente pelo novo continente como indicadores da sua proximidade a serem logo reveladas.

Importante fonte de informações sobre o Brasil foi a literatura produzida durante a invasão holandesa do nordeste. Enquanto as autoridades portuguesas tentavam impedir que informações detalhadas sobre a região se

²⁷⁹ ALARCÓN, Hernando de, *The relation of the navigation and discovery, which Captaine Fernando Alarchon made by the order of... Don Antonio de Mendoça, Vizeroy of New Spain*, Londres, Hakluyt, Richard, Principal Navigations, 1599. Alarcón fez também um importante relato sobre os índios do Arizona e seus costumes: *Treatise on the heathen superstitions that today live among the Indians native to this New Spain*, 1629.

²⁸⁰ LAHONTAN, Louis Armand, *Nouveaux voyages de Mr le baron de Lahontan, dans l'Amerique Septentrionale*.

²⁸¹ G. da VERRAZANO, *The History...*, cit., 1910.

²⁸² L. A. LAHONTAN, *Nouveaux voyages...*, cit.

tornassem de domínio público e circulassem livremente, de forma a dificultar os planos de invasões estrangeiras, sob o patrocínio do Conde Maurício de Nassau, duas importantes obras sobre este período foram publicadas. A *História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil e noutras partes sob o governo do ilustríssimo João Maurício, Príncipe de Nassau*, de Gaspar Barleo [i.e. Barléu]²⁸³ e a *História Natural do Brasil*, de Willem Piso, Georg Marggraf e Johannes de Laet²⁸⁴, foram lidas e citadas por Rodrigues Abreu. Enquanto os portugueses tentavam ocultar, os holandeses buscavam revelar aquela porção do Brasil, seja como forma de atrair colonos para a agricultura do açúcar, seja para enaltecer os feitos de Nassau²⁸⁵. O livro de Barléu vinha acompanhado de extensa e minuciosa cartografia do nordeste holandês, entre o Rio Grande do Norte e Sergipe, sendo seu autor Georg Marggraf, geógrafo, astrônomo e naturalista²⁸⁶, além de conter várias pranchas que retratavam a região, desenhadas por Franz Post. As plantas mostravam uma região cortada por extensa rede fluvial, ilustradas com uma bela iconografia que exaltava a produção açucareira, a riqueza e a diversidade da fauna e da flora brasileiras: paisagens idílicas que remontavam à idéia de paraíso compartilhada por Abreu, habitadas por vigorosos selvagens²⁸⁷.

A cartografia do Brasil holandês encontrou sua síntese no mapa de Willem Blaeu, intitulado *América Nova Tabula*, de 1642. Nele estão expressas as bacias comunicantes dos rios da Prata, Amazonas e São Francisco, sendo que este último apresenta em um de seus trechos uma rota circular. Este sistema hidrográfico dividia a porção espanhola da portuguesa e tinha suas origens num lago central, localizado próximo a várias serras. A imagem cartográfica que Blaeu desenhou do Brasil assemelhava-se em muito ao mapa imaginário de Rodrigues Abreu.

A *História Natural do Brasil* foi marcante para o desenvolvimento das ciências naturais e particularmente da etnografia da América do Sul. O médico Willem Piso foi o responsável por vários capítulos sobre as doenças, a disposição do ar, da água e da topografia do Brasil, além dos que versavam sobre os venenos, seus antídotos e sobre as plantas medicinais brasileiras.

²⁸³ BARLEO, Gaspar, *Rerum per octennium in Brasilia, et alibi nuoer gestarum*, Amesterdão, Ioannis Blaeu, 1647.

²⁸⁴ PISO, Willem, MARGGRAF, Georg, e LAET, Johannes, *Historia naturalis Brasiliae. Auspicio et beneficio Illustriss. I. Mauritii Com Nassau*, Leida, Franciscum Hackium / Amesterdão, Ludovicus Elzevirium, 1648.

²⁸⁵ HERKENHOFF, Paulo, «Prefácio», in *O Brasil e os holandeses (1630-1654)*, Rio de Janeiro, GMT Editores, 1999, p. 14.

²⁸⁶ GUEDES, Max Justo, «A cartografia holandesa do Brasil», in HERKENHOFF, Paulo (org.), *O Brasil e os holandeses (1630-1654)*, p. 80.

²⁸⁷ «A mesma fortaleza se encontra nas índias do Brasil; Barléu, em *Rerum per octennium in Brasilia*, assegura, que ao outro dia, logo depois do parto, vão para o trabalho sem nenhum incômodo mais, que sentirem-se um pouco fracas», ABREU, J. R., *Historiologia Médica*, T. 1, p. 597.

Marggraf realizou as descrições, classificações e os desenhos das plantas, peixes, pássaros, quadrúpedes, cobras e insetos, além de ter incluído algumas informações sobre a astronomia e os indígenas²⁸⁸. O livro, que foi editado por Laert, incluiu algumas notas de sua autoria, e retrava uma natureza virgem, intocada, compondo uma imagem pastoril quase paradisíaca. O primeiro capítulo descrevia a benignidade dos ares, a pureza e abundância das águas, falava dos ventos apazíveis e do clima ameno, que prometia «perpétua saúde por causa da brisa dominante»²⁸⁹. Anuncia a diversidade da flora e da fauna que foram descritos detalhadamente nos capítulos seguintes.

Rodrigues Abreu certamente lera com atenção a passagem em que ele defendia a existência de uma lagoa interior, servida pelas águas do Rio São Francisco, que sofria enchentes regulares alimentadas pelo degelo das neves andinas, derretidas pela ação do calor²⁹⁰. Esse mesmo lago, situado no Peru, recebia na forma de areia a decomposição das jazidas auríferas peruanas, que chegavam ao Brasil na águas do São Francisco²⁹¹. Era mais uma das imagens que se deslocavam da tradição clássica para as terras americanas, pois, no *Ymago Mundi*, eram estas as mesmas razões que alimentavam as cheias do Nilo durante o verão²⁹². Simão de Vasconcelos reproduz esse mito ao afirmar que as cheias do sertão brasileiro davam-se pela descida das águas das «grandes serranias de Chili e Peru, qual outro mar, espraia suas águas tão licencioso, que de repente toma todos os campos». Isso obrigava os índios a fazerem suas casas em canoas, até poderem voltar para terra firme²⁹³.

As citações de relatos de viajantes dos séculos precedentes se sucedem na *Historiologia Médica*. Lá estão o livro do Frade Capuchinho Carli Dionigi que viajou de Genova ao Congo, passando antes pelo Brasil e Luanda²⁹⁴; o do soldado alemão Hans Staden que esteve no Brasil em 1548 e 1555, chegando a ser aprisionado pelos índios tupinambás²⁹⁵; o do médico sevillhano Nicolas Monardes que, apesar de nunca ter saído de sua terra natal, escreveu importante livro de medicina incorporando as plantas medicinais do Novo Mundo²⁹⁶, e a *Relação* de Diogo de Godoy, escrivão enviado por

²⁸⁸ FREEDBERG, David, «Ciência, comércio e arte», in HERKENHOFF, Paulo (org.), *O Brasil e os holandeses (1630-1654)*, p. 202.

²⁸⁹ PISO, Guilherme, *História natural e médica da Índia Oriental*, Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1957, pp. 30-73.

²⁹⁰ W. PISO, G. MARGGRAF, e J. LAET, *Historia...*, cit., p. 264. Ver S. B. HOLANDA, *Visão...*, cit., p. 64.

²⁹¹ G. PISO, *História...*, cit., p. 39.

²⁹² S. B. HOLANDA, *Visão...*, cit., p. 64.

²⁹³ S. de VASCONCELOS, *Chronica...*, cit., pp. 25-26.

²⁹⁴ CARLI, Dionigi da Palacenza, *Realtion curieuse et nouvelle d'un Voyage de Congo, fait es annees 1666 et 1667*, Lyon. Thomas Amaulry, 1680.

²⁹⁵ STADEN, Hans, *A verdadeira história dos selvagens nus e ferozes devoradores de homens encontrados no Novo Mundo, a América*, Rio de Janeiro, Dantes, 1999.

²⁹⁶ MONARDES, Nicolás, *Historia medicinal de las cosas que se traen de nuestras Indias Occidentales que sirven en Medicina*, Sevilha, Alonso Escrivano, 1574.

Carlos V que acompanhou Hernán Cortés em sua viagem ao México²⁹⁷. Figuram nestes cronistas as mesmas imagens da América: Staden afirmou que «essa terra do Peru, cheia de ouro, descoberta faz poucos anos, forma junto com o Brasil uma grande terra firme»²⁹⁸; todo o livro de Monardes se baseava na riqueza e na variedade da flora americana, que floresciam espontaneamente nos matos virgens e nas altas montanhas²⁹⁹, e as riquezas encontradas por Cortés em Tenochtitlán extasiaram e excitaram a imaginação dos europeus sobre a América.

Vigorosa, selvagem, rica e exuberante, para Rodrigues Abreu as minas estavam resguardadas da cobiça humana. Aos dois círculos hidrográficos que a protegiam, completava-se outro formado por um cordão de serras, como a Serra do Órgãos, Mantiqueira, Paranapiacaba, Itabira, Itacolomi, «monstruosa cordoaria (...), de todas estas montanhas, que as mais divide»³⁰⁰. Esta imagem das serras que fechavam as Minas e, por conseguinte, resguardavam o paraíso da cobiça humana estava presente em toda a literatura que ele tinha às mãos. Staden afirmou que havia uma extensa serra, que corria paralela ao litoral, descendo toda a costa desde a altura da Bahia e «no alto da serra nascem muitos córregos e a região é rica em selvas»³⁰¹. Gândavo acrescentou que o Brasil «confina com as altíssimas serras dos Andes e fraldas do Peru, as quais são tão soberbas em cima da terra, que se diz terem as aves trabalho em as passar»³⁰². Thevet disse que eram belíssimas suas montanhas e vastas suas planícies³⁰³. William Piso descreveu que o Brasil estava separado do Peru por «altíssimas cordilheiras e imensos espaços»³⁰⁴.

Antes de Rodrigues de Abreu, ninguém melhor do que o Padre Simão de Vasconcelos descreveu esta mesma conformação da terra brasileira, a partir do que «contam os índios versados no sertão, que bem no meio dele são vistos darem-se as mãos estes dois rios, em uma lagoa famosa, ou lago profundo, de águas que se juntam das vertentes das grandes serras do Chile e Peru». Ali se originavam «umas serranias monstruosas e nunca jamais

²⁹⁷ VEDIA, Enrique (org.), *Historiadores primitivos de Indias*, Madrid, Atlas, 1946-1947.

²⁹⁸ H. STADEN, *A verdadeira...*, cit., p. 30.

²⁹⁹ «Cuantos árboles y plantas hay en las Indias nuestras, que tienen muy grandes virtudes medicinales, pues en la leña para la chimenea, se gastan árboles olorosos aromáticos, de cuya corteza hechos polvos, se podrían hacer muy grandes efectos, confortando el corazón y el estómago, y miembros principales, sin buscar la especiería de Maluco, y las medicinas de Arabia, y las de Persia. Pues en los campos incultos, y en las montañas espontáneamente nos las dan nuestras Indias. La falta es nuestra que no las investigamos, ni buscamos, ni hacemos la diligencia que conviene, para aprovecharnos de sus maravillosos efectos. Lo cual espero que el tiempo que es descubridor de todas las cosas, y la diligencia y experiencia nos las demostrarán, con mucho provecho nuestro», N. MONARDES, *Historia medicinal...*, cit., p. 39r.

³⁰⁰ J. R. ABREU, *Historiologia...*, cit., T. 2, p. 517.

³⁰¹ H. STADEN, *A verdadeira...*, cit., p. 133.

³⁰² P. M. GÂNDAMO, *História...*, cit., p. 81.

³⁰³ A. THEVET, *As singularidades...*, cit., p. 98.

³⁰⁴ G. PISO, *História...*, cit., p. 31.

vistas na terra, de comprimento e altura imensa, que dilatavam espaço que eles [os índios] não sabiam explicar (...) e que aquelas serranias estavam cheias de ouro e de pedras de cores hermosas (*sic*)»³⁰⁵. As descobertas das minas de ouro portuguesas apenas confirmavam a existência destes campos elísios, onde «junto a este rio plantara Deus Nosso Senhor o paraíso terreal», as quais «águas do rio corriam sobre estes mesmos metais e com eles resplandeciam a cada passo seus arredores, montes e vales circunvizinhos»³⁰⁶.

O mapa mestiço de Rodrigues Abreu sintetizava várias tradições, mas refundia-as de maneira nova e criativa. Ele traz a tona a construção imaginária que os colonizadores iam compondo do Brasil e das Minas, alimentada pelos mitos da antiguidade, relidos a luz da tradição católica, dos relatos dos exploradores do novo mundo, e das informações fornecidas pelas populações autóctones. Mas apesar de imaginado, era um mapa que refletia a práxis do viver em colônias, que se revelava como uma experiência inédita onde os homens reinterpretavam e reconstruíam continuamente o espaço que lhes cercava. Esta criação só pode ser entendida em seu aspecto simbólico, porque não representa uma leitura real da terra mineira, ao contrário, imprime a ela novos significados, reflexos das experiências vividas por esses homens – algumas delas concretas e outras tantas sonhadas. Seu mapa mental se constitui assim num simulacro que, ao mesmo tempo em que revela a realidade, infere a ela novas dimensões e significados, compondo assim um jogo infinito de espelhos ondulados.

Como Ptolomeu, que inseriu a terra no centro do universo, Rodrigues Abreu inaugurou uma cosmografia terreal centrada nas Minas Gerais, terra quase inexpugnável, que «oculta, guarda e nunca de balde facea (*sic*) a cobiça dos homens», onde a natureza «depositou um de seus maiores tesouros defendidos de quase inexpugnáveis muralhas de serras sobre serras, que dificultam o passo aos ambiciosos caminhantes, para que com trabalho tenham que descontar o que interessam»³⁰⁷. Homem de pensamento paradoxal, como um *passeur culturel*, que fundia a razão e o mito, Rodrigues Abreu se situava na confluência de dois tempos, um marcado pela maravilha, outro pela mercadoria.

³⁰⁵ S. de VASCONCELOS, *Chronica...*, cit., pp. 21-22.

³⁰⁶ *Idem*, pp. 24 e 22.

³⁰⁷ J. R. ABREU, *Historiologia...*, cit., T. 2. p. 526.